O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 24 DE OUTUBRO DE 1909 | N.º 1:331

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos e Criticas

Escreve-nos alguem a dizer-nos que não pozemos bem em evidencia:

1.º Que na questão Affonso Costa não só o directorio não nos *desqualificou*, não só Bernardino, na conferencia do Centro Republicano do Largo de S. Carlos, e, com elle, toda a assembléa que o escutou, todos os jornaes republicanos que publicaram e applaudiram a conferencia, nos julgaram *cavalheiroso*, *correcto*, *honrado*, *qualificado*, **depois de Vasconcellos Porto ter já mandado reunir o conselho superior de disciplina do exercito,** como, ao contrario do que tentam insinuar, de norte a sul, actualmente, as gazetas republicanas, foram o *Mundo*, Affonso Costa, França Borges, o garoto Derouet, completamente exauctorados nas accusações de *vendido* e *traidor* que nos dirigiam.

O correspondente reputa este ponto muito importante.

2.º Que Dantas Baracho não podia, em caso algum, esperar bater-se com o presidente do conselho e com o ministro da guerra, e que as suas cartas não tinham, portanto, outro proposito que attrahir sobre nós um castigo disciplinar.

O correspondente reputa, da mesma forma, este ponto importantissimo.

Ora se não puzémos bem isso em evidencia, deixámo-lo, pelo menos, bem claro. Não queremos, ás vezes, insistir até ao ponto dos leitores poderem suppor que os consideramos estupidos.

Na verdade, o *Mundo*, quando da questão Affonso Costa, resuscitava a eterna accusação de sermos agente da monarchia. Muita gente não o saberá. Outra, já não se recordará. Pois saiba-se. Pois recorde-se. Não por nós. Já não precisamos, n'esse ponto, de defesa. Mas para se vêr até ao amago a vileza, a extraordinaria, a estupenda vileza da grande quadrilha.

O ladrão Affonso Costa, o *souteneur* do Margarido, o escamador de besugos da sachristia de Santa Izabel, diziam-nos —nunca tiveram outra accusação— agente da monarchia. Mas vem o directorio e considera-nos republicano, e benemerito republicano, até ao ponto de, espontaneamente, por sua iniciativa, contra a nossa vontade, avocar a si a questão, *não estando nós filiado no partido.* Não esqueça, que este caso tem um altissimo valor: *não estando nós filiado no partido.*

Eramos de tal forma republicano, e um tão leal, tão sincero, tão verdadeiro, tão prestadio republicano, e como tal tão considerado pelo directorio do partido, que, até sem estarmos filiado no partido, como o directorio, então, officialmente reconheceu e declarou, o directorio nos punha a par d'um deputado, d'um membro do mesmo directorio, para nos julgar n'uma questão havida entre os dois.

D'este modo, o directorio reconhecia, por um acto livre, espontaneo, que ninguem solicitara, completamente, absolutamente falsas as accusações de *vendido* que nos faziam os miseraveis que rabiscavam no *Cornetim da Margarida.*

Não resta a menor dúvida.

Mas ha mais e melhor. Não só o reconhecia o directorio, como o reconheciam, vergonhosamente, ignobilmente, os proprios accusadores. O directorio exauctorava-os. E elles acceitaram a exauctoração. Elles não se revoltaram contra o directorio, como nós nos revoltámos. Elles ficaram obedecendo ao directorio, acatando a sua auctoridade, seguindo as suas indicações. Logo, implicitamente se confessavam calumniadores!

D'ahi a poucos dias reunia-se o congresso. N'elle se debateu a questão de sermos ou não sermos republicano. Ficou isso, ahi, officialmente decidido. Ou antes, officialmente confirmado. O congresso approvava o procedimento do directorio na questão Affonso Costa-Homem Christo, e, não só por essa forma, como por outras manifestações, foi o nosso republicanismo officialmente confirmado, depois d'estar officialmente reconhecido.

Isto dicto para apreciar o valor moral do partido republicano e não que qualquer precise, para ser republicano, do reconhecimento official da quadrilha. Podia ter ella resolvido que *não eramos* republicano, que não punha nem tirava para o facto de o sermos ou não sermos.

D'este modo, o processo está completo e o publico ajuiza. Antes de 1890 fomos muitas vezes accusado de *traidor,* como se tem visto pelas transcripções que temos feito dos artigos publicados no *Povo de Aveiro* n'esse periodo. Em 1890 fomos proposto deputado por aquelles que nos accusavam de traidor, obtendo uma grande votação. Fomos proposto membro do directorio e eleito por unanimidade, ou pouco menos, n'um congresso.

Em 1891, porque empregámos todos os esforços para evitar o desastre do Porto, desastre de que resultaram incalculaveis desgraças para o paiz e para a democracia—d'elle advieram todas as leis liberticidas e todos os abusos que levaram o rei á sepultura e puzeram Portugal á borda d'um abysmo—outra vez voltámos, voz em grita, a ser accusado de traidor. Despedimo-nos n'esse anno do partido, ao qual não tornámos mais a regressar. Não obstante, não houve congresso, d'ahi para o futuro, para o qual não nos convidassem os mesmos que nos accusavam de traição na revolta do Porto.

Veio o incidente Affonso Costa, e outra vez este bandido, e os socios do prostibulo, nos accusam d'espião, de traidor, d'agente da monarchia. O directorio desmente-os, desmente-os o congresso, elles acceitam as resoluções do directorio e do congresso, e ficam, portanto, exauctorados, que é um pouco mais e peor que desmentidos. Não contente, Bernardino, presidente do directorio, chama os republicanos ao largo de S. Carlos, e ahi, em cima da convocação do conselho superior de disciplina do exercito, censura vivamente a resolução do ministro da guerra Vasconcellos Porto, clama que a reunião do conselho superior de disciplina do exercito é uma pouca vergonha, affirma que nós nunca nos negaramos a bater-nos em duello, que nós cumprimos todas as prescripções da honra, que a nossa conducta foi sempre correctissima. Dil-o em conferencia publica. Os ouvintes applaudem-no. Os jornaes do partido, uns abertamente, outros tacitamente publicando os extractos da conferencia, applaudem-no tambem. E agora, os mesmos, chamam-nos *desqualificado*, lançam-nos em rosto a sentença do conselho superior de disciplina do exercito, accusam-nos de traidor, de agente da monarchia, de tudo.

Isto é uma quadrilha, uma infamissima quadrilha. O publico que ajuize. Mas não pode deixar de clamar, comnosco, os que não clamarem alto hão de clamar em silencio: *Isto é uma quadrilha, uma infamissima quadrilha.*

Vamos agora ao segundo ponto da observação do correspondente.

E' claro que o sr. general Dantas Baracho não esperava bater-se em duello com o sr. ministro da guerra, nem com o sr. presidente do conselho. E' claro. E' clarissimo. Isso viu toda a gente, suppomos nós, desde o primeiro instante. Pois não o terão visto?

Isso é tão claro, isso é tão intuitivo, foi-o desde o primeiro instante para todo o mundo que tem juizo, que a propria Europa, paizes do codigo do duello e do campo da honra á frente, a França, por exemplo, se ri á gargalhada do *gesto* do sr. Dantas Baracho. Como se verá n'outro logar, o jornal *La Dépêche*, importantissimo jornal, só agora acredita que... *Les Portugais sont toujours gais.* Ou, se não acredita que o são todos, acredita, pelo menos, que o sr. general Baracho, *le brave militaire é... de l'espéce des Portugais vraiment gais.*

Nunca esperou bater-se! O sr. Dantas Baracho nunca tomou isso a sério! A não ser que haja endoidecido. Mas como s. ex.ª foi para Elvas, em vez d'ir para Rilhafolles, não podemos admittir a hypothese de que o senhor general tenha endoidecido.

Começa porque não é facil admittir-se que haja alguem,n'este paiz, que queira cahir no ridiculo d'ir, em nome do sr. Baracho desafiar o sr. ministro da guerra ou o sr. presidente do conselho. Quem? Só se fôr o França Borges, que é uma besta. O prototypo da besta. Só se fôr o Derouet, que é um garoto, e que ambiciona, ha muito, ... nome europeu. Tambem podia ser o Bernardino. Mas esse é pacifista, e, para adquirir nome europeu, tem o recurso que lhe indicâmos adeante: descer o Chiado a tocar berimbau, ou vestido de presidente da republica a cavallo n'uma canna.

Que hão-de dizer as testemunhas de Baracho ao sr. ministro da guerra ou ao sr. presidente do conselho? Suppondo, porém, que ha duas creaturas tão ridiculas que acceitam esse encargo, é claro que as testemunhas do sr. presidente do conselho e as do sr. ministro da guerra é que não fazem causa commum no ridiculo. O sr. ministro da guerra nomeia testemunhas, isso nomeia. O sr. presidente do conselho tambem. Se fossemos nós, mesmo na hypothese de defendermos ou acceitarmos o duello, não as nomeavamos. Mas elles nomeiam. E depois? Depois não ha accordo, naturalmente. Quem é o arbitro, quem, que desempata a favor do sr. Dantas Baracho?

Nem o Bernardino. E' tolo chapado, o Bernardino. Engata tudo em que se mette. Pois nem o Bernardino. Ou venha a tocar berimbau pelo Chiado abaixo, ou com o cavallinho de canna, ou n'um andor com calcinhas de renda de menino Jesus, ou na tela do Grandella. Nem elle, o Bernardino!

O mais que as testemunhas do sr. Baracho podem conseguir, é fazer-nos apanhar nova risada na Europa e na America. Vamos ouvir cantar, de novo, por esse mundo fóra, entre chufas e troças de toda a natureza, como é do estylo: *Les Portugais sont toujours gais.* E assim continuaremos a afundar-nos em descredito, em ridiculo, n'um grande desastre material e n'um espantoso desprestigio moral.

O mariola do João Chagas disse-nos uma vez, pondo-se-lhe em pé os cabellos, na perspectiva d'uma sova: *Você é um pavoroso coveiro n'esta terra!*

A's vezes, nem o queriamos ser tanto. A enterrar mariolas, insignificantes, vaidosos, parlapatões e coisas ridiculas, como que enterramos tambem, em certas occasiões... um boccado de nós mesmo.

Que desgraça de terra, que desgraça!

Quem nos diria que ainda haviamos de ser nós quem faria rir o mundo da nossa mania do duello! O destino tem coisas...

Mas se o senhor Dantas Baracho, positivamente, não esperava, não podia esperar, que se batesse com elle o sr. ministro da guerra e o sr. presidente do conselho, a que visava elle? A entalar-nos.

Fiquemos n'isto, que a logica fecha o circulo a mais divagações.

A entalar-nos. E a calar-nos, entalando-nos.

Não temos sido *traidor* senão para isso.

Pode o senhor Dantas Baracho falar em carteis de desafio, em duellos, em codigos de duello, em leis da honra quantas vezes quizer. O facto provado, porque é tão eloquente que não deixa duvidas no espirito de ninguem, é este:

1.º O senhor Dantas Baracho nunca julgou ser castigado. Para a vaga hypothese d'um procedimento disciplinar, esperou sempre que as *immunidades parlamentares* o encobrissem.

2.º O senhor Dantas Baracho nunca admittiu, não podia admittir a idéa de que viesse a ser um facto, a converter-se n'um facto, o seu desafio ao ministro da guerra e ao presidente do conselho.

Portanto... nós ficavamos denunciado. Apanhavamos a *taluda*, porque se esperava a *taluda* e... estava tudo acabado. Era o que se pretendia. E nada mais se pretendia.

Como sempre! E' verdade, como sempre!

Sempre que se esperou tirar de nós algum proveito fomos um... grande republicano e um grande benemerito. Sempre que se viu que não nos chegávamos ao rego, fomos... agente da monarchia e traidor.

Como republicano nunca apanhámos dos republicanos senão tapona e mais tapona. E como traidor e agente da monarchia nunca apanhámos da monarchia senão ... porrada velha.

E ahi tem o publico a historia inteirinha, a historia completa.

Agora formule á vontade o seu juizo.

General... anecdotico

Sua excellencia deve estar satisfeitissimo. Um dos grandes prazeres de sua excellencia era ser... anecdotico. Contavam-se anecdotas de sua excellencia e o amor proprio de sua excellencia impava singularmente. Sua excellencia, sempre que ouvia rir das suas piadas e das suas anecdotas, ficava radiante.

Pois bem. Sua excellencia não é já, somente, um general anecdotico em Portugal. Sua excellencia é um general anecdotico na Europa, é um general anecdotico na America, é um general anecdotico no mundo inteiro.

Sua excellencia não faz já, sómente, rir Portugal. Sua excellencia faz rir a Europa, faz rir a America, faz rir o mundo inteiro.

Como sua excellencia deve estar contente! E o França Borges, o Margarido? O amigo Margarido?

Que gloria! Sua excellencia passou as fronteiras!

Que gloria para sua excellencia, para o *Mundo*, para o partido republicano! Esperamos que as commissões municipaes se apressem a votar, por esse paiz fóra... congratulações.

Vamos! Canta-se de novo, em toda a Europa e em toda a America... *Les portugais sont toujours gais.* E d'esta vez com plena justificação do dicto, diga-se a verdade. E teve essa gloria um... general republicano!

Vamos, commissões municipaes, vamos, festejar essa gloria! Dirigir a sua excellencia... parabens, saudações, congratulações!

O importante jornal *La Dépêche* publica todos os dias uma espirituosa secção *Pointes Sèches.* Pequeninos artigos, de conceitos. Pois na sexta feira, 15 do corrente, era sua excellencia o general Dantas Baracho quem tinha a honra de figurar n'essa secção.

O pequeno artigo tem o sub-titulo de *La susceptibilité du Général.* E reza assim:

La chanson affirme que les Portugais sont toujours gais. La chanson exagère, et il faut voir surtout dans ce qu'elle avance un de ces mensonges auxquels la tyrannie de la rime condamne pour l'éternité les hommes qui écrivent en vers. Car il est manifeste que tous les Portugais ne sont pas gais, et que ceux qui le sont ne le sont pas toujours. Mais il y a des Portugais qui sont vraiment gais quand ils se mêlent d'être gais.

Du nombre est le général Baracho, pair du Portugal et soldat entre tous susceptible. Un militaire réformé par retrait d'emploi s'est avisé d'écrire dans un journal un article qui n'est pas très élogieux pour le brave général Baracho. Celui-ci s'est immédiatement précipité chez les ministres et leur a dit avec colère:

— Il faut me punir ce clampin!

Les ministres ont fait quelques réserves, et le général Baracho repris aussitôt:

— Vous ne voulez pas obtempérer? Fort bien, messieurs! Mais alors M. le président du conseil ou M. le ministre de la guerre (enganou-se não foi *um ou outro, foram os dois*, o que ainda é mais engraçado) *devra se battre avec moi. J'ai dit.*

Comme on le voit, le général Baracho n'est pas d'un naturel très débonnaire. Et certainement il a le droit de dire qu'il est ce que la nature l'a fait. Il a même le droit de dire qu'il ne laisse à personne le soin de décider s'il est trop châtouilleux quand il s'agit de sa réputation de soldat. Mais, bon sang de bon sang, qu'il rend donc difficile le métier de ministre. Il n'y a pas de raison, en effet, si on lui accorde satisfaction, pour qu'un autre citoyen, dans un avenir très prochain, ne l'imite point, en élargissant toutefois un peu son pocédé:

— Monsieur le ministre, je vous ai demandé un bureau de tabac pour la nièce du meilleur ami de mon secrétaire.

— J'ai pris bonne note de votre démarche. Croyez bien que...

— Je le regrette, Monsieur le ministre, mais je n'attends pas. Ou le bureau de tabac, ou un duel à mort. Vous avez deux heures pour réfléchir...

On apercoit toutes les complications qui peuvent résulter du précédent créé pour le général Baracho. Et, tenez, j'écrivais en commençant que ce brave militaire est de l'espèce des Portugais vraiment gais. Je n'en suis plus très sûr à présent

Tudo isto é bom. Mas o final, então, é de primeira ordem!

Escreve-nos alguem de Paris a dizer-nos que o incidente chegou, n'aquella cidade do riso, a ser, por momentos, assumpto das conversações de galhofa nos cafés; que mais do que um jornal francez se referiu a elle, troçando; e que até um jornal de caricaturas allemão, muito conhecido pelas suas *charges* anti-militaristas, desenhou o general Baracho n'uma attitude pittoresca. O correspondente promette arranjar-nos este jornal de caricaturas, isto é, o numero onde vem o desenho, desenho de que só teve conhecimento pela referencia d'um outro jornal.

Venha de lá isso.

Mas vê-se que o caso deu volta ao mundo. Hein? Deu volta ao mundo. Quem tal diria!

Como sua excellencia deve estar satisfeitissimo, mais o seu illustre panegyrista, o Margarido!

Muitos parabens a sua excellencia, muitos parabens ao orgão da Margarida, e, por consequencia, á propria, Margarida e ao seu Margarido, que, todos juntos, de roldão passaram a fronteira.

E muitos parabens, por tanta gloria, ao partido republicano em geral.

Isto é, ao partido republicano em geral, não. E' de toda a justiça excluir-se... o Bombardino Rachado.

Esse deve estar damnado, damnadissimo. Com certeza que já telegraphou a esta hora ao embaixador, o Magalhães Lima, dizendo-lhe:

Faça saber Dépêche *e mais pessoas que foi meu primeiro telegramma congratulação Baracho. E avise Pichon.*

Esse deve estar damnado. Falar-se no Baracho e não se falar n'elle! Por esse mundo alem! Deve estar damnado.

Muitos parabens, pois, a todo o partido republicano, muitos e muitos, excepção feita, para não avivar mais seu conselheiratico desgosto, de Bombardino Rachado.

O' Bombardino, mas se voçê descesse o Chiado a tocar n'um berimbau, ou a correr a cavallo n'uma canna e fardado de presidente da republica, as agencias falavam! O cabo submarino de Carcavellos atirava com isso até á America, Asia, Africa e Oceania!

Faça lá isso, Bombardino. Não se deixe desbancar pelo Baracho! Olhe que esta repentina fama mundial de Baracho, coincidindo com a sua adhesão definitiva á causa revolucionaria, põe-lhe em perigo, a candidatura, Bombardino

Cuidado, Bombardino!

Atire-se ao berimbau.

Estejam preparados

Estejam preparados, quantos teem ainda algum amor a esta patria. Estejam preparados, se lhe querem evitar um tremendo desastre. A demagogia continua infrene, desaforada, desavergonhada. Isto está mau.

Isto está mau, isto está mau!

O partido republicano, embora tivesse andado sempre a trilhar um caminho errado, teve apparencias de razão até ao momento de constituir ministerio o partido regenerador-liberal. Mas ahi demonstrou nitidamente, abertamente, que só tinha um objectivo: o poder. E o poder, não como partido nacional, não como partido democrata, mas como quadrilha. O partido republicano não quer saber de democracia, não quer saber de patria. Quer apoderar-se dos sellos do estado, quer apoderar-se do erario. Mais nada. E' preciso, para isso, rasgar o evangelho democratico? Rasgue-se—e já se rasgou, em tiras— o evangelho democratico. E' preciso, para isso, deitar o fogo á patria? Deite-se o fogo á patria. Sempre ha de haver tempo para dar umas dentadas no queijo cubiçado, para metter, até aos cotovellos, as mãos e o ante-braço no erario.

Ora um partido assim é impossivel. Ninguem, só um louco, ninguem, ou seja republicano ou honradamente monarchico, entrega nas mãos d'uma quadrilha os destinos d'uma patria.

São tambem quadrilhas as que nos teem explorado? Embora. Não é menor loucura arrostar os perigos d'uma revolução para mudar de quadrilha.

Uma quadrilha. Que importa chamar-se partido republicano? Uma quadrilha. Nada mais. Foi sempre proprio de quadrilheiros viver de etiquetas e de tudo roubado.

João Franco commetteu dois erros fundamentaes. Sempre o dissémos, temo-lo dicto cem vezes desde a morte do rei D. Carlos.

João Franco andou bem, quando subiu ao poder, em procurar apoiar-se no partido republicano. E se os republicanos, em vez de constituirem uma quadrilha, uma vil, uma infamissima quadrilha, constituissem um partido, teriam aproveitado habilmente as disposições de João Franco. Apoiavam-no, contra as quadrilhas monarchicas. Nem patrioticamente, nem democraticamente, nem mesmo partidariamente, tinham outro caminho a adoptar. João Franco vencia? O partido republicano tinha ganho prestigio, força e auctoridade. Tinha prestado um relevante serviço á democracia e á patria. Era, perante a nação, um partido de governo, de que a nação, com segurança, se poderia aproveitar... na primeira eventualidade.

João Franco não vencia, mas perdia? Não naufragava por culpa do partido republicano. E o partido republicano, da mesma fórma apoiado no prestigio, na sinceridade, na lealdade do seu procedimento, e o partido republicano da mesma fórma cheio d'auctoridade, entrava então com todas as probabilidades de vencer, no campo revolucionario.

João Franco andou bem, em tentar apoiar-

se no partido republicano. Mas conjugou-se tudo contra elle? Mas o partido republicano, quadrilha e não partido, fez causa commum com as outras quadrilhas? João Franco tinha dois caminhos: retirar-se, ou proclamar a dictadura.

Retirava-se? Conservava o seu prestigio para a primeira eventualidade. Continuava a mostrar-se como *esperança*.

Proclamava a dictadura? Então fazia a sério a dictadura, e não esse arremesso de dictadura que matou o rei,que o anniquilou a elle, que nos envergonhou a nós perante a historia e que aggravou as circumstancias em que estavamos.

Essa dictadura só podia ter um fim: cortar de vez as unhas aos ladrões e as azas á canalha. Pois deu maiores unhas aos ladrões e mais azas á canalha. Tudo porque na noite de 28 de janeiro não accendeu as caldeiras de dois navios no Tejo, promptos a marchar para Timor, e não poz nas ruas as metralhadoras...a vomitarem.

Agora é isto: um rei que treme de tudo, uma mulher que o não sabe governar, ministerios parlapatões que vivem de... parlamentar. Entretanto, ladrões á solta e canalha, cheia d'audacia, a audacia da impunidade... a manobrar.

A força da quadrilha republicana—já o temos dicto por mais que uma vez— é a canalha. Mas força espantosa, quando o inimigo é timido, pusillanime ou parvo. A canalha berra e mette medo a berrar. A canalha atira lama e afugenta a enlamear. A canalha intriga e desgosta a intrigar. A canalha mente, a canalha desvirtua, e desnorteia a mentir e a desvirtuar. A canalha ateima e cança a ateimar. Com a canalha só podem luctar envergaduras priviligiadas.

Canalha, grande canalha e tudo canalha. No partido republicano é tudo canalha. Tudo canalha! Até os que teem pretenções a sérios e fumaças de luva branca. Tudo canalha! Em todas as cidades, villas, aldeias, burgos do paiz. Tudo canalha! Facilmente vencivel fóra de Lisboa. Mas terrivelmente ameaçadora na capital.

Eis o perigo, que só quem vae a Lisboa e vê com olhos de vêr, póde apreciar.

Em Lisboa a canalha põe e dispõe, a canalha domina. A canalha tudo enreda, a canalha tudo embaraça. A canalha faz convencer, até os mais incredulos, que tem regimentos, navios de guerra, peças d'artilheria, bombas de dynamite, espingardas. Os que não acreditam, ficam hesitantes. Fica hesitante a policia, fica hesitante a municipal, ficam hesitantes as forças da monarchia mais leaes. Essas forças perdem o animo e a canalha encoraja.

Oh, a canalha encoraja! E vae d'audacia em audacia! E bate o pé! E fala alto! E a tudo se abalança!

E tudo aproveita! E com tudo explora! Explora com a má vontade, a velha má vontade ao jesuitismo, aproveita a morte de Ferrer, emfim, sem sinceridade em coisa nenhuma tudo lhe serve para escancarar fauces tigrinas ou sacudir a juba de leão. E d'ahi até um golpe de mão que lhe dê o triumpho... vão dois passos.

Estejam preparados. Façam como nós: não tenham medo. Façam como nós: façam-lhe frente. Façam como nós: deem-lhe para baixo. Façam como nós; arrostem a lama, que não ficam enlameados. Façam como nós: destruam-lhe as intrigas, vão-lhe á mão nas parlapatices, ponham-lhe a calva á mostra.

Não tenham medo e obriguem os governos a não ter medo.

Ou Portugal... vae-se á vela!

Confronto necessario

Diz o illustre pulha de bem Brito Camacho que os seus amigos e correligionarios vão publicar em folha solta o seu ... *confronto necessario.*

Mas qual é? O da sua attitude durante o consulado de João Franco e o da sua attitude depois do consulado João Franco? Esse é que é... *o confronto necessario.*

Tinha João Franco subido ao poder, mal tinha ainda subido ao poder—foi na questão Schroeter—quando o illustre pulha de bem Brito Camacho, o que enguliu Cunha e Costa e o que engole tudo, escreveu a phrase celebre: *Havemos de obriga-lo ás transigencias que humilham ou ás violencias que compromettem.*

Obrigou. Se era essa a resolução de todos os *pulhas da republica* não podia deixar de se cumprir. Elles não tinham a missão patriotica de aguardar e julgar com justiça os actos de João Franco. Elles tinham, simplesmente, a missão canalha de *obrigar ás transigencias que o humilhassem ou ás violencias que o compromettessem.* Então cumpriu-se. Havia de se cumprir fatalmente. Cumpriu-se!

Ora, depois de cumprido, o que succedeu? Succedeu que os pulhas sem vergonha ainda tiveram, no meio da sua indignidade,a demandar dignidade de se pôrem em guerra aberta com aquelle que tinham forçado *ás violencias compromettedoras.* Mas o inventor do processo, o auctor da phrase,esse não. Esse accommodou-se. Esse agachou-se. Esse foi, no periodo agudo da tyrannia João Franco, cordeirinho manso. E emquanto os outros, os pulhas sem vergonha, andavam pelo mundo aos tombos ou escondidos, com os seus jornaes suspensos, elle, o pulha de bem, confirmando mais uma vez a sabedoria popular onde diz: *Deus nos livre dos bons*... elle, o pulha de bem, como cordeirinho manso... *mammava a sua teta e a alheia.*

Terceiro acto. Terceiro e ultimo. Cahe João Franco e ninguem excede em violencias contra João Franco o ... pulha de bem.

Eis o *confronto necessario.*

JESUITISMO LAICO

PULHAS DE BEM

Tenho agora lido gazetas, o que eu não fazia ha muito tempo. Eu já não lia senão o *Cornetim da Margarida,* por dolorosa obrigação, e, d'essa cornetaria indecente que a republica alimenta n'esta terra, só uma ou outra corneta que mão anonyma me mandasse a chamar a minha attenção para qualquer artigo ou local de referencia á minha pessoa. Nem mesmo sobre o orgão do illustre pulha de bem que se chama Brito Camacho, e que tem como redactor o outro pulha de bem que se chama João de Menezes, eu demorava os olhos.

Mas agora leio. Agora, sim, que tenho, aqui, n'esta prisão, muito menos que fazer.

Agora leio o *Seculo,* a *Lucta,* o *Mundo,* toda a porquidade jornalistica que me vem parar ás mãos. E estou a ver que tenho feito muito mal, uma grande asneira, não ter lido ha mais tempo!

O *Seculo!* O *Seculo,* porta-estandarte da moralidade publica! O *Seculo,* campeão da *democracia,* batalhador da *libardade!* E dizem que o homem se aperfeiçôa! Que caminhamos para a verdade, para a justiça, para o imperio da virtude e da felicidade! Nós caminhamos mas é para uma cloaca, uma enormissima cloaca, onde se vae afundar esta humanidade toda.

Deus já não manda Jesus para nos regenerar. Agora manda o Affonso Costa, o Cunha e Costa, o Trinta, o Arthur Leitão, o Padua Correia, o Ribas d'Avellar! Agora os apostolos são Alexandre Braga, Silva Graça, João de Menezes e Brito Camacho! Agora o vigario de Deus na terra é o Bombardino Rachado! Eis quem nos vem regenerar! Eis quem nos vae conduzir ao polo da justiça e da verdade, ao imperio da virtude e da felicidade!

Ah, carneirada infame, carneirada idiota, que, vaes ter mais uma vez a sorte que mereces! Pelo mar abaixo, carneirada infame, carneirada idiota! Nunca tiveste, nunca has de ter outra sorte! Justissimo castigo da tua cegueira, da tua imbecilidade!

Carneirada infame! Carneirada idiota!

O Silva Graça! O mau ladrão arvorado em apostolo!

Eu quasi que agradeço ao meu general, ao Baracho, o ter-me feito vir até aqui. Já estive vae não vae para mandar um bilhetinho ao sr. ministro da guerra dizendo-lhe: *muito obrigado.* Porque isto cheira a cloaca que tresanda. Lisboa é uma grande latrina. Um homem limpo atravessa a cidade de Lisboa como quem atravessa uma latrina. E' horrivel, a impressão de latrina que se sente ao atravessar Lisboa. A gente, depois, lava-se e torna-se a lavar, perfuma-se e torna-se a perfumar, e é inutil. Só o tempo, só uma permanencia demorada em ar lavado faz passar aquelle cheiro, aquella coisa que se não explica bem mas que nos penetrou até aos ossos.

Chega aqui, á Torre de S. Julião da Barra. Não ha mar, ar do mar, vento do mar capaz de varrer o cheiro latrinario da nossa capital. Não ha!

Mas eu precisava de vir aqui. A verdade é que precisava de vir aqui. Um medico tem de penetrar, por mais que lhe custe, nos focos d'infecção. E' o seu dever.

Eu precisava de vir aqui. A verdade é esta.

O que eu tenho sabido! A respeito da quadrilha republicana e das quadrilhas monarchicas! Eu, que, pelo menos quanto á quadrilha republicana, julgava saber tudo!

Eu não sabia nada. E ainda não sei, estou a ver, nem a decima parte da verdade.

Os leitores do *Povo de Aveiro* julgavam-me mestre no conhecimento das podridões, das patifarias dos *homens de bem,* na phrase do Bombardino, que se propõem regenerar, salvar a nossa patria? Pois eu não sabia nada.

Cheguei aqui sexta-feira. Fui visitado n'esse dia e no seguinte por um velho amigo, um republicano — ainda tenho amigos na republica— que ha perto de quarenta annos me dá provas da maior dedicação e amizade. E' um filho d'Aveiro e um filho do povo, como eu. Alem dos seus serviços pessoaes, que me foram de grande utilidade, e a que estou muito grato, contou-me logo coisas politicas muito interessantes. Mas no domingo e na segunda-feira é que foram ellas. Eu fiquei assombrado!

O que eu ouvi aqui, no domingo, a um homem, que o disse sem rebuço, sem acanhamento, sem hesitações, sem mysterio, precisando factos, detalhando factos, n'uma minudencia, n'uma clareza esmagadora, com uma verdade palpavel, deante de sete pessoas, que o escutavam, como eu, assombradas! Eram actos de *chantage,* da mais ignobil *chantage,* de ladroeira, da mais infame ladroeira, praticados pelas maiores summidades republicanas e monarchicas, e, das republicanas, algumas que passavam, até para mim, quasi por immaculadas!

N'algumas das scenas referidas figurava o rei D. Carlos. O *rei dos adeantamentos!* E julgam que como auctor? Não senhores: como victima! Factos authenticos. Factos incontestaveis. Eu hei-de conta-los. Deixem estar, que eu hei-de conta-los. E então se verá.

O *rei dos adeantamentos!* Os malandros! Os grandissimos malandros a encherem a bocca com o *rei dos adeantamentos!* A accusarem na imprensa, todos os dias, o *rei dos adeantamentos,* e a fazerem peor do que elle! Peor do que elle! O rei D. Carlos não era honesto. Tendo virtudes e notaveis qualidades, praticou crimes e abusos que n'um chefe, do estado, se não podem perdoar. Mas além de ser melhor, muito melhor, que todos esses bandidos monarchicos e republicanos que, no tempo de João Franco, o insultaram, e que enchem agora de lama a sua memoria, além de não ter praticado abuso nem crime nenhum de que não sejam os primeiros responsaveis os que foram com elle ministros d'estado, além de ter tido qualidades pessoaes que não tem nenhum, nenhum! dos magnates republicanos e dos magnates monarchicos, nunca roubou directamente, pessoalmente, os chefes republicanos e os chefes monarchicos e a elle *roubaram-no directamente* alguns chefes republicanos e alguns chefes monarchicos. Nunca praticou actos de *chantage,* d'infamissima *chantage,* com chefes republicanos e chefes monarchicos, e com elle praticaram-nos alguns chefes republicanos e alguns chefes monarchicos.

E são estes malandros quem nos vae conduzir ao imperio da justiça e da verdade! Que formidavel irrisão! Que revoltante troça!

Isto foi no domingo. Na segunda-feira visitou-me outro amigo, outro republicano, que é uma bella intelligencia e um forte caracter. Homem que se não deixou corromper—e n'isso está o seu maior elogio—por este meio detestavel. Que tem sabido resistir ás attracções da gloriola, ás seducções da facil popularidade. Coisa rara!

Elle não esconde o seu nome. Eu é que o não quero trazer para as intrigas d'esta grande cloaca. E' um republicano. E é uma intelligencia, já conhecida em todo o paiz, e, o que é mais importante, bem mais importante,—um caracter. O que esse amigo, que conhece todos os meandros da politica republicana, e todos os *factos modernos* que a ella se referem,me contou!

Ah, eu precisava de vir aqui. Eu não sahia d'Aveiro se me não teem forçado a isso, e eu precisava de vir aqui. Eu sou um instrumento do destino. Eu vejo que Deus continua, commigo, a escrever direito por linhas tortas. Eu quasi que estou amigo do meu general. Eu, definitivamente, vou mandar um bilhete ao sr. ministro da guerra a dizer-lhe: *muito obrigado.*

O que esse amigo me contou! Ainda não estava refeito do assombro da vespera e cahi de novo assombrado! Como eu, no fim de contas, ainda sou um ingenuo! Um grande ingenuo! A julgar que as infamias republicanas estavam exgottadas!

Anda lá, Silva Graça, anda lá. Ponho-me a rememorar o passado e a vê-lo a você em 1881, 1882, 1883, na redacção do *Seculo.* Você aos pulos, aos gritos, a fumar na sua boquilhasita de camphora e sempre a fazer velhacadas. O banana do Magalhães Lima ao lado, sem caracter, sempre a dizer que sim e sempre a dizer que não! Sempre a tomar compromissos e sempre a faltar aos compromissos que tomava! A dizer as peores coisas d'uma pessoa, mas, se essa pessoa apparecia de repente, a voltar-se para ella risonho e a clamar: *Oh, lá! Que bello trabalho que você tem feito! Ädmiravel, meu amigo, admiravel! C'os diabos! Mas você tem-lhe dado! Um bello trabalho!*

Os pulhas de bem, Silva Graça!

Com esse Magalhães Lima, aquelle de Benavente que deu agora em *Petiz dos cordões* e em *Petiz dos Moinhos.* Agora é um modo de falar. Você lembra-se que elle já no nosso tempo era da massa authentica do... *Petiz das Gravatas.*

O Trigueiros de Martel, o pobre homem que cassou por fim com a franceza para morrer... chuchado, e o ronha do Leão d'Oliveira, o da vozinha effeminada.

Você era o Mineiro, no meio dos quatros. Você tinha promettido a si proprio intruja-los. Você tinha jurado ser rico atravez de tudo, com a borda fóra d'agua ou com a borda debaixo de agua, caminhando de pé ou caminhando de rastos, lambendo ou mordendo, de qualquer forma. E você intrujou-os, Silva Graça! E você enriqueceu, a rir-se da liberdade e a zombar da moralidade! *Ande eu quente e ria-se a gente.* Era o que você respondia, com cynismo no coração e ar brejeiro na cara, ás observações da liberdade e da moralidade. E agora apparece de braço dado com o Cunha e Costa a zelar... a liberdade e a moralidade!

Estou quasi seu amigo, general. Sem o seu acto meritorio eu não tinha vindo a Lisboa. A Lisboa? Não era bem d'uma viagem a Lisboa que eu precisava. Uma simples viagem a Lisboa não me faria ler o *Seculo* nem topar as pessoas com quem aqui tenho conversado. De que eu precisava era d'isto. De trinta dias d'oratorio, para lêr, á falta de livros, que não trouxe,as gazetas *libaraes,* e conversar á vontade com aspessoas que teem desejo d'expandir por se sentirem, como eu, indignadas.

Que, diz o Camacho, o honrado Camacho, cahiu D. Carlos assassinado, e, comtudo, a sua morte não escandalisou, como a de Ferrer, a consciencia européa. E o honrado Camacho attribue isto *á ideia.*

Quer simplesmente dizer, Camacho, que o jesuitismo laico triumpha do jesuitismo religioso. Cahe uma religião e vem outra. A uns santos succedem outros santos. Mas não quer dizer, de forma alguma, que a religão que triumpha seja melhor que a religião que cahe. Francamente, entre o Maura, que tem coragem para arriscar a sua vida, e você, que nem coragem teve para erguer, em publico e raso, um grito de consciencia, demais a mais depois de ter andado a cochichar pelos cantos, contra a readmissão no partido republicano do Cunha e Costa, eu prefiro o Maura. Eu, e toda a gente de juizo e de caracter.

Entre um pulha de bem, que não commette directamente o crime, mas que é capaz de todas as covardias e de todas as transigengias com o crime, e um auctoritario, capaz de jogar a vida pelo erro mas tambem capaz de a jogar pela verdade, eu, e toda a gente de juizo e de caracter, prefiro, sem hesitar um segundo, o auctoritario. Ou o despota. Ou o tyranno. Se na sua linguagem d'armar á demagogia infame, lhe quer chamar despota ou tyranno.

A Hespanha ainda tem Maura. Ainda tem um La Cierva. Ainda tem um conselho de guerra para fuzilar, com a consciencia, em cada um dos membros d'esse conselho de guerra, de que cada um d'elles pode ser, como represalia, em breve tempo assassinado. A Hespanha ainda tem homens que se batem assim por um principio, por mais odioso que elle seja. Portugal tem-o a você, que é do melhor que ha. A você, incapaz do menor acto d'energia, do menor rasgo de coragem a favor da justiça e da verdade. A você, que assombra o seu paiz quando avança até soltar na sua gazeta.... uma *piada* aos correligionarios. Não vão mais longe os seus actos de coragem. E este tecido nacional é de tal ordem, que fica maravilhado quando você... solta a piada.

Paiz de borra, paiz de lama, que ousa insultar um paiz de caracter. Paiz sem vergonha, por que se tivesse vergonha, e consciencia d'alguma coisa, que nem consciencia tem, poderia divergir dos actos do governo hespanhol, poderia censura-los asperamente, mas conter-se-hia na linha do respeito devido a um povo que é dos raros na Europa onde existem homens ainda para jogar a vida por uma idéa. Homens de governo. Não confundir a audacia d'um assassino com a serena e difficil coragem d'um homem d'estado.

Na Hespanha ha jesuitas? Ha jesuitas. Mas jesuitas que morrem abraçados á sua cruz. Em Portugal ha jesuitas da *libardade,* que se synthetisam em toda a miseria humana, n'esse tecido de lodo que toma nomes varios, Cunha e Costa, Affonso Costa, Silva Graça, Alexandre Braga, na melhor hypothese, no melhor caso, Bazilio Telles, João de Menezes, Brito Camacho. Grosseira casca de lenha, que só procura fluctuar, que só sabe ir na corrente, ou seja corrente d'agua pura, ou sejam as torrentes d'immundicie que sahem dos canos d'exgotto.

Covardes, que ousaes falar! E falar injuriando um povo onde ao menos, entre muita immundicie, ainda apparecem estadistas e politicos de coragem!

Calae-vos, miseraveis. Onde tudo é covardia, onde todos os actos, todos! se podem rotular *d'especulação e medo,* ainda agora o que se faz e o que se diz a proposito de Ferrer, ninguem tem a menor auctoridade para cuspir injurias sobre os que possuem a coragem, por mais discutiveis ou censuraveis que sejam os seus actos, de jogar a vida em defesa d'uma idéa.

Um cumulo, Silva Graça, Cunha e Costa, Affonso Costa, a fulminarem a falta de fé, a falta d'escrupulos, a hypocrisia dos jesuitas! Um verdadeiro escarneo, João de Menezes,Brito Camacho, e toda a covardia que esses homens personificam na politica nacional, a fulminarem Maura!

Os que todos os dias incitam a tnrbamulta a assassinar João Franco, os que deram ao mundo o espectaculo vergonhoso d'esse dia d'alegria sobre o assassinato do rei e do principe real, a clamarem agora respeito á vida humana e a verterem lagrimas sobre um cadaver!

E a falarem em jesuitas!

Como se os houvesse, no mundo, mais jesuitas!

Como se os houvesse, no mundo, mais miseraveis!

O novo ministerio hespanhol, que acaba de succeder ao gabinete Maura, é assim constituido:

Presidencia e reino, Moret; justiça, Martinez del Campo; Fazenda, Alvarado; Guerra, General Luque; Marinha, Almirante Concas; Estrangeiros, Perez Caballero; Fomento, Raphael Gassett: Instrucção publica, Barroso.

Violencia indigna

Assim lhe chama o *Cornetim da Margarida.* E isso a proposito do correspondente militar do *Commercio do Porto* sustentar que o governo castigou Dantas Baracho *legalmente.*

O *Cornetim* vem muito *escamado* porque o correspondente militar do *Commercio do Porto* mostra consideração pelo *Capitão Cobarde* e pasma d'um militar se atrever a defender esse acto (castigo de Baracho) que no exercito causou *penosissima impressão.*

Ai margaridos, margaridos! Margaridinhos da minha alma!

Se o correspondente do *Commercio do Porto* mostra ou não mostra consideração pelo *Capitão Cobarde* (em letra grande e gripho como escrevem os margaridos) não sabemos. Troca com o *Povo de Aveiro* o *Commercio do Porto.* Mas quem escreve isto ainda não pode ler, á hora de o escrever, o *Commercio do Porto.* Quanto á *penosissima impressão no exercito*... deixae-vos de lerias, margaridos. Lerias, lerias, margaridos!

Sabem vocês, quem os salvou d'uma bofetada mestra? O ministro da guerra, que vocês andam para ahi a injuriar. Porque é tão grande a corrente militar desfavoravel a Dantas Baracho, tão grande, que o *Capitão Cobarde,* é quasi certo, se respondesse a conselho de guerra ficaria absolvido.

D'essa vos salvou o ministro da guerra, a quem vocês chamam agora, *superiormente* o... José Manuel.

E' precisamente o exercito uma das classes que mais leem o *Povo de Aveiro.* E o proprio *Cornetim* o tem dicto. O proprio *Cornetim* já escreveu, escreveu-o Dantas Baracho, que o *Povo de Aveiro* circula nos quarteis. Circula, mas assignado *officialmente* pelos regimentos. São innumeros os officiaes do exercito assignantes do *Povo de Aveiro.* Innumeros! Alem d'isso, varios regimentos, e de todas as armas, assignam collectivamente, officialmente, o *Povo de Aveiro.* Innumeros officiaes do exercito teem escripto ao *Capitão Cobarde* a felicita-lo. De forma que á parte um ou outro jacobino, que bem pouco abundam no exercito, tudo o mais é *contra o general Baracho.*

Esta é a verdade, margaridos! Não são lerias. Não são tretas. Aqui não se usa de taes expedientes.

A respeito de *penosissima impressão no exercito*... chorae-lhe agora, margaridos.

Vamos. Mãos ao céo. Outra vez dizemos: se o *Capitão Cobarde* tem respondido a conselho de guerra... era bofetada mestra.

Mãos ao céo!

Maura

Cahiu Maura. São os inconvenientes do regimen constitucional. São as cobiças das quadrilhas a darem o mesmo resultado em toda a parte. A Hespanha, os partidos, sem exclusão do proprio partido republicano, tinham toda a vantagem em que Maura, já que começou, acabasse a sua obra. Nem a questão de Barcelona, nem a de Marrocos, são d'aquellas em que se pode recuar. Mas que querem? O partido republicano não ganhou nada. Apparecendo aos olhos do exercito, da marinha, dos patriotas, a fazer causa commum com os anarchistas, affastou-se do poder em vez de se approximar. O partido liberal vae-se desacreditar e não se aguenta. No meio de tudo só ganhou a... anarchia e a selvageria de Marrocos.

As quadrilhas! As infames quadrilhas partidarias!

O director d'este periodico não tem lido a maior parte dos jornaes. Só tem lido os que pode comprar directamente na sua prisão. No emtanto consta-lhe que alguns, entre elles o *Progresso de Aveiro,* que se publica n'esta cidade, se lhe teem dirigido em termos muito amaveis. E sendo costume nosso não agradecer nunca referencias de jornaes, as circumstancias de momento impõeem uma excepção. Poderia parecer, agora, má creação.

Ao *Progresso de Aveiro,* pois, e a todos, os nossos agradecimentos.

Um episodio interessante

Recebemos um numero da *Liberdade,* onde, sob o titulo que ahi fica, se lê o seguinte:

Alguem nos contou que, no Paço, depois do jantar, passando-se á sala do bilhar, para o café e o fumo, El-Rei D. Carlos, indicando, com um gesto, o capitão, commandante da guarda, perguntára a um dos convivas:—Conheces?

— Não, meu senhor, respondeu o interpellado.

— E' o Homem Christo, um republicano indomavel.

— De guarda a El-Rei!?!...

— Não tenho o menor receio. E' tão intransigente nos seus principios, como leal nas suas acções. Capaz de combater-me de frente, é incapaz de me ferir á traição. Cumprirá o seu dever militar.

A este respeito muito ha que dizer e muitas licções que dar a republicanos e monarchicos.

Ficará para o numero seguinte, ou para a primeira occasião.

Hespanha

A attitude tomada, pelas gazetas republicanas, e algumas monarchicas, contra a visinha nação hespanhola, exige um protesto.

A questão Ferrer não representa para a quadrilha republicana mais que um protesto d'especulação. Especula com a questão Ferrer, como especula com tudo. Com tudo. Tudo serve á quadrilha. Tudo! A quadrilha — não cessaremos de o repetir para que os leitores nunca o esqueçam — não liga a menor importancia a questões de principios ou a questões d'interesse patrio.

O bolo, o bolo, é que ella quer! O queijo, o queijo, é que ella cobiça! O erario, o erario, é que ella ambiciona! Arthur Leitão, Padua Correia, Ribas d'Avellar, Alexandre Braga, Cunha e Costa, Affonso Costa, e todos os *Trintas,* os centenares, os milhares de *Trintas* da grande quadrilha, sonham todas as noites com o erario. Todas as noites! E' uma preoccupação doida. E' uma obcecação tão pertinaz, tão seguida, tão fixa, que quasi se tem tornado em loucura.

O erario! O erario!

E' uma coisa horrivel, aquelle desejo imperioso, aquella ancia.

O erario! Os ladrões querem o erario! Os ladrões precisam do erario!

O Arthur Leitão até já apanha dinheiro aos pacovios por conta... do erario. E' um dos seus expedientes, dos seus trucs. Que a republica é certa! Que não demora! Que não pode demorar! Que teem vindo immensas espingardas para Lisboa! Que teem vindo, até, metralhadoras! Que Blasco Ibánez sempre conseguiu um emprestimo de 150 contos! Que o Bazilio falou ao Asquitt e ao Pichon e os convenceu da necessidade immediata da republica em Portugal! Que quatro regimentos são certos, já, em Lisboa! Que a porrada no Baracho foi uma grande mina, porque o veio resolver, e o Baracho leva comsigo 300 officiaes!

Assim diz e assim tem apanhado cem mil reis aqui, duzentos alli, dez alem, e cinco tostões, quando não pode ser mais. O Alexandre Braga esse não precisa. Por emquanto, tem o Leandro!

Que paga! Que paga em vindo a republica! O Arthur paga em vindo a republica!

E' uma coisa pavorosa, essa ancia de republica. E' uma verdadeira allucinação.

Até o garoto, o garotelho do nosso Maduro cá d'Aveiro anda doido. Não vende línhaça! Cada vez vende menos linhaça! Que ha de ser d'elle, se não vem a republica? Ha-de apertar a cilha na barriga? Elle já é um *estipor* na sua figura de triste esgrouviado. Se tem d'apertar a cilha, fica mais nojento que um gato morto.

Até o Meirelles, o nosso Meirelles. O Manso Preto tem-lhe feito uma concorrencia dos diabos! O Manso Preto deita-o de cú pr'o ar! Jesus, que ha-de ser d'elle se não vem quanto antes a republica? E elle, que daria o mais modelar e zeloso commissario de policia que republicas presentes e futuros podem e poderão imaginar! Fazia logo fechar a porta ao Manso Preto!

E o Termónocú, o nosso Termónocú, que acalenta, afaga, acarinha, dorme com ella, beija-a de noite, abraça-se a ella de noite, a idéa, a doce idéa, a arrebatadora idéa, a doce idéa, a arrebatadora idéa, de vir a ser marquez com a republica?

Marquez da Quinta Nova. Em linguagem corrente. Em linguagem termónuqueira: *mArqEs da qitA noBa!*

Tal e qual como o Bombardino com o sonho da presidencia. Porque é d'alto abaixo a mesma coisa. Uns por uns motivos, outros por outros. Sempre motivos grosseiros. Sempre motivos reles. Ou um vergonhoso espirito de ladroeira, ou um repellente espirito de vaidade. Mas a mesma ancia. Republica! Republica a todo o preço! Haja o que houver! Succeda o que succeder! Morra quem morrer!

Vende-se a alma ao diabo! Manda-se a patria para o inferno! Mija-se no evangelho democratico! Mas republica, republica, republica, que o Arthur Leitão, o Padua Correia, o Cunha e Costa, o Alexandre Braga, o Affonso Costa, o Ribas d'Avellar, o Trinta, o Maduro, o Termónocú, o Presidente não podem esperar!

Eis porque tudo serve de motivo d'agitação, de pretexto de desordem. Servem os padres, serve o Ferrer, serve tudo.

Elles fazem causa commum com os anarchistas, como fariam causa commum com os reaccionarios, como fariam causa commum com os burros se elles a coice podessem destruir a monarchia. Elles chamariam em seu auxilio a peste, a fome, a guerra, accalmaria a peste, levantariam arcos de triumpho á fome, teceriam corôas de loiro á guerra, se viesse republica no ventre da peste, da fome ou da guerra.

Quadrilheiros! Só quadrilheiros! Salteadores! Só salteadores! Com o egoismo criminoso, infame, feroz, de quadrilheiros.

Porque é assim, precisamente assim, rigorosamente assim, mais odioso e vergonhoso se torna esse insulto soez arremessado á Hespanha.

Como alguns jornaes teem já obser-

vado, os republicanos não se decidiram a tomar partido aberto por Ferrer, senão quando viram que a questão Ferrer provocava agitação na Europa. Só depois d'isso o directorio veio com o seu asnatico protesto. E dizemos asnatico protesto porque lá fóra, com o syndicalismo, com as grandes massas operarias socialistas e anarchistas ao mesmo tempo, comprehendem-se umas certas transigencias politicas. Em Portugal, o partido republicano cada vez afugenta mais de si o exercito, a burguezia, as classes conservadoras, transigindo com a demagogia, tornando-se um partido *anarchista* nos processos, essencialmente desordeiro.

O partido republicano não se importa nada com Ferrer. Esteve quasi neutral, emquanto não viu na questão Ferrer pretexto para a sua torpe especulação politica. Mas assim que o viu, atirou-se logo, como de costume, a todos os exaggeros.

A Hespanha tem um numeroso partido republicano. Seria de notar que n'esses casos não houvesse em Hespanha nenhuma manifestação a favor de Ferrer. O que queria isto dizer? Queria dizer, simplesmente, que o estado de desordem em que vinha Barcelona *ha muitos annos*, e as ultimas barbaridades alli commettidas, produziram nos hespanhoes uma legitima e muito sensata reacção a favor da ordem. A Hespanha inteira poz-se do lado da ordem. A Hespanha inteira reconheceu a dura necessidade de meios extremos para restabelecer e manter a ordem. Pois para o partido republicano portuguez, isto é, para a grande quadrilha que roubou, para pôr no peito, a etiqueta republicana, para essa quadrilha que não hesita um instante em fazer aqui muito peor do que se fez em Barcelona, para essa horda selvatica de ladrões e assassinos a Hespanha ... é estupida, é infame, é vil. Não ha insulto que não tenha dirigido ao povo hespanhol.

O governo portuguez não o deveria ter consentido. Em caso algum. Se ha povo que precisa viver em boas relações com a Hespanha, é o povo portuguez. Nada mais prejudicial, e até mais perigoso, senão para já, para eventualidades futuras, que acirrar os velhos odios que teem separado Portugal da Hespanha. E' um grande erro. E' um grande perigo. O governo portuguez, se fosse um governo de homens, mettia pela bocca abaixo dos *souteneurs* da rua de S. Roque as injurias vomitadas contra a Hespanha pelo *Cornetim da Margarida*. E d'egual forma procederia com todos os orgãos da prostituição, com todas as gazetas de pornographia, redigidas nos alcouces, que teem tido procedimento egual ao do *Cornetim da Margarida*. Já que o não fez, lavrem ao menos o seu protesto, e affirmem o seu pezar á Hespanha, pelos insultos d'uma escoria, todos os jornalistas de bom senso, de patriotismo, de verdade e de justiça n'esta terra.

O nosso ahi fica.

Lugubre anniversario

Passou na ultima segunda feira o 92.º anniversario da execução do general Gomes Freire, a qual teve logar na esplanada da Torre de S. Julião da Barra.

O general Gomes Freire d'Andrade depois de tomar parte nas campanhas da Russia sob as ordens de Napoleão, voltára a Portugal. Homem intelligente regressava ao seu paiz com o cerebro povoado de novas ideias e com generosas aspirações de as realisar.

Ao pisar o solo da patria encontrou-a humilhada. O extrangeiro dominava aqui com sobresenho feroz, e a Regencia do reino dobrava a cervis aos menores acenos de Bereford, que mandava aqui como em terra conquistada.

Bersford descobriu, pela amante, a viscondessa de Jeromenho, que se tramava contra o jugo dos inglezes, sendo Gomes Freire a alma da conspiração. Os esbirros em breve lançavam mão ao intrepido general portuguez, indo prende-lo á sua morada, na rua do Salitre, em Lisboa. Dando entrada na Torre de S. Julião, "á caridade de um official inglez, sir Archibald Compbel„, deveu a alimentação dos primeiros dias n'aquelle carcere onde a agua resumava das paredes; á bondade de outro inglez, o coronel Hodoch, deveu o linitivo maior que um encarcerado pode ter. Hodoch era maçon e offerecera-lhe a liberdade, mas o general vendo que ia comprometter aquelle camarada, confiando, talvez, ainda um pouco na justiça, recusara todos esses beneficios apesar de não lhe serem concedidos pela regencia mais que doze vintens por dia para comer.

"Passados os calôres de junho ali encerrado, vendo chegar-se o inverno e ouvindo as ondas bater nas paredes da fortaleza, Gomes Freire não esperava mais nada. Ia morrer; eis o que lhe disseram por uma manhã de outubro, frio e nevoento no seu carcere encharcado, mas ia morrer não como um soldado que servira na Russia, não como um companheiro de Napoleão, mas como um vulgar criminoso.

Sollicitou ainda. Dirigiu-se a Bersford, fez memoriaes para serem mandados ao rei, mas ninguem o attendeu. Os frades, as velhas devotas, a regencia, e outros toda a nação afogada em trevas pedia o sacrificio de Gomes Freire.

Na manhã de 18 de outubro de 1817, o coronel Hodock entrou n'aquelle carcere, estendeu a mão ao general que a apertou, commovido. Os juizes, os corregedores e o carrasco, estremeceram, bradaram ser aquillo um signal maçonico. Então reclamaram mais forças, fingindo acreditar que Gomes Freire ia ser salvo, demoraram a execução para que soffresse mais. Mettido na alva dos penitentes, os pés descalços sobre o lagedo da fortaleza, n'aquella manhã de frio, o general desmaiava, mas logo accordava n'um impeto e dizia que fraquejava ante a infamia. Esperava sempre morrer com as balas de um pelotão no seu peito nobre, de pé, commandando o fogo e não assim pela mão do carrasco, vestido n'um trajo infame, com um baraço ao pescoço onde a tradição dizia que se tinham prendido os lindos braços de uma imperatriz. Mas assim mesmo teve que caminhar. As tropas olhavam-no pasmadas e o coronel Hodock, seu irmão na maçonaria, chorava copiosamente.

Nem um raio de sol despontava n'aquella manhã de brumas. O general subiu ao patibulo, o carrasco deu-lhe um empurrão, encavalgou-o, e assim ficaram no espaço a victima e o algoz. O governo de regencia ao pedido de doze balas, substituira o garrote pela forca. Depois vieram as barricas de alcatrão, untou-se o cadafalso e dentro em pouco o corpo de Gomes Freire ardia em face da fortaleza lobrega.

A's luzes da fogueira de S. Julião da Barra responderam as do Campo de Sant'Anna, onde eram queimados outros martyres da patria, e na hora em que as cinzas do general eram lançadas ao rio por capricho dos carrascos.„

Cunha e Costa a injuriar Maura... é audacia. Hein? E' audacia! E se a gente duvida da santidade de Ferrer, aqui d'el-rei que é patifaria.

Ora se o maroto do Cunha e Costa fosse amanhã fuzilado contra um muro, toda a Europa o proclamava martyr e santo! Toda a Europa é um modo falar: toda a canalha europeia. Martyr! Santo! Um immaculado! Um puro! Isso era pela certa. E, no fim de contas, a patifaria tinha consistido apenas em... o fuzilarem, em vez de o enforcarem n'um candieiro.

Isto é o periodo geologico da canalha, não ha que ver. Depois segue-se o dos ...martianos, esmagando nos tentaculos esta macacaria humana, como os imaginava o outro.

E acabou-se tudo.

Dois factos

O da bomba na egreja de S. Luiz e o da morte de Manuel Nunes Pedro.

Manuel Nunes Pedro foi assassinado pelos republicanos. Positivamente! Não temos nenhum elemento material para o affirmar, nem sabemos nada pelos jornaes, que nada dizem ainda á hora d'escrevermos estas linhas. Mas pelo conhecimento que temos do caracter e dos processos dos republicanos, a nossa convicção está feita e é inabalavel.

Nós estamos a ver aquillo tudo. Manuel Nunes Pedro fugiu. Os republicanos abandonaram-no como abandonam todos aquelles de quem já não precisam e que tiveram a loucura de se sacrificar. Manuel Nunes Pedro, do exilio, escreveu e tornou a escrever. Queixou-se e tornou-se a queixar. Lamuriou-se e tornou a lamuriar-se. Os republicanos, todos garotos, todos *trintas*, todos *maduros*, tudo canalha, riam-se de cá e diziam-lhe *adeus* com a mão fechada. Desesperado, não tendo com que viver, o pobre homem veio por ahi abaixo. Procurou os cumplices. Increpou-os. Lançou-lhes em rosto o abandono a que o tinham votado e declarou-lhes a sua resolução de se ir entregar, contando tudo á polícia. Prompto! Assassinado! Isto é tão certo como dois e dois serem quatro.

Se nós os conhecemos! Se ninguem os conhece como nós!

Sobre a bomba tambem não ha duvida nenhuma. Foram elles que a deitaram! Os miseraveis querem agora attribuir a façanha á policia e aos *frades*. Pois quanto mais accusam a policia e os *frades* mais se descobrem!

Foram elles quem a deitaram. Elles e só elles.

Convençam-se d'uma vez para sempre que estão em frente d'uma verdadeira horda de miseraveis. Assassinos, ladrões, canalhas. Da peor especie. Não são republicanos. Nunca! Assassinos, ladrões, canalhas. E d'alto a baixo. Capazes de todos os crimes, de todas as infamias, de todas as canalhices, de todas as garotices. Todos e em todo o paiz! Tudo quanto é mau, tudo quanto é vil alli se juntou. *Os semelhantes attrahem os semelhantes.* Os que não são propriamente ladrões, propriamente assassinos, são canalhas, são garotos. Com rarissimas exepções. Ha excepções. Mas são rarissimas excepções. E olhe cada um dos leitores do *Povo de Aveiro* em volta de si, seja em que terra fôr do paiz, examine um instante as figuras que por esse paiz fóra se dizem republicanas, e verá se estamos ou não dizendo a verdade.

Os que não são abertamente ladrões, os que não são assassinos de raça, são garotos, são canalhas. Com rarissimas excepções, se ha excepções, porque não ha maneira de perceber como um homem que não é assassino, nem é ladrão, nem garoto, nem canalha, pode fazer causa commum com assassinos, com ladrões, com garotos e canalhas. Não ha maneira de perceber.

Cada vez se vê mais e se lamenta mais o erro enorme de João Franco. Aquelle desastre nacional de os não ter deixado sahir para a rua em 28 de janeiro. Se fosse Thiers, que era um grande homem, tinha-os deixado sahir, tinha varrido as ruas com metralha, tinha fuzilado, summariamente, os mais culpados no Arsenal, tinha mandado para Timôr os que restasem e salvava para cincoenta annos Portugal. Quarenta annos d'existencia leva a republica em França e a Thiers o deve, que era um grande homem.

Agora, demais a mais com os bacorinhos que teem feito parte dos varios ministerios, é... soprar-lhe ás botas.

Um homem de regular tino, d'esses que teem presidido á governança, teria ao menos feito vir para aqui do extrangeiro policias emeritos que amestrassem a nossa policia, que nada descobre, que nada vê, que nada sabe. Descobre as bombas ... depois d'ellas rebentarem. Esses policias poderiam ter vindo sem dar na vista e poderiam ter prestado grandes serviços á ordem publica n'esta terra.

Fabricam-se ahi bombas a cada canto. Faz-se um contrabando d'armas descarado. Conspira-se com um desavergonhamento espantoso. A policia nada sabe e qualquer dia temos scenas peores que as de Barcelona.

Porque estes bandidos são peores, muito peores que os de Barcelona. Em Barcelona, entre muitos bandidos havia homens crentes e sinceros. Em Portugal não ha senão bandidos, senão especuladores, senão escoria.

Já que em Portugal não ha ninguem capaz de fazer o que fez Thiers e o que fez Maura, ao menos que a tropa e a policia, o que ha de bom e de patriota na tropa e na policia, se preparem para uma *acção muito energica*, nas poucas horas que durar a sarrafusca, porque o conflicto sangrento é inevitavel, e isto *sem uma licção mestra* não entra na ordem.

Infelizmente.

Mas sem isso não entra na ordem.

Chantage

Avisam-nos de que os margaridos preparam contra nós uma nova *chantage*. Está bem. Ficamos avisado. Mas, coitados, elles já sabem o medo que nós temos das *chantages* e o resultado que ellas lhes teem dado! Voltam-se todas contra elles!

Nós cá estamos, nós cá estamos. Cada vez mais bem disposto e mais bem preparado.

Temos sempre dicto a mesma coisa: sendo uns grandissimos canalhas, tratantes de marca maior, ainda teem mais d'idiotas que de tratantes.

Deram com o *seu menino!* Se ainda não estão convencidos elles acabarão de se convencer.

Ora os idiotas, a imaginarem que nos vencem, que nos mettem medo ou que nos incommodam com *chantages!*

No ultimo numero sahiu, por um trocadilho muito facil em jornaes, ao tratarmos do duello, realisado em 1893, entre Gomes da Silva e Colen, que Dantas Baracho era uma das testemunhas de Gomes da Silva. Pelo sentido percebia-se muito bem o engano. Mas ahi fica a rectificação.

Dantas Baracho não era testemunha de Gomes da Silva. Era testemunha do sr. Colen.

Coisas locaes

Postaes illustrados, Photographia

Os srs. Baptista Moreira e Bernardo Torres, conceituados negociantes d'esta cidade, brindaram-nos ha tempo com uma collecção de postaes illustrados, de que os mesmos srs. são editores. Os referidos postaes constituem uma primorosa collecção dos mais bellos pontos de vista d'esta cidade, Agueda, Ilhavo, Esgueira, etc.

Tambem recebemos do sr. Baptista Moreira um cathalogo illustrado, de artigos photographicos, que se vendem no estabelecimento do sr. Moreira.

Agradecemos a delicada offerta.

—

Protecção ás arvores

A camara municipal não tem descurado, nós bem o vemos, a repovoação do arvoredo dentro da cidade. Hoje, em toda a parte onde ha um bocadinho de civilisação, o arvoredo é uma das partes integrantes do aformoseamento das ruas e avenidas. Mas, por isso mesmo que isso assim é, as auctoridades competentes cercam os arvoredos de todos os cuidados e de toda a vigilancia.

Ora a camara municipal da nossa terra, apezar da sua boa vontade, precisa de mandar vigiar com mais cuidado os arvoredos da cidade.

Vemos, por ahi, a cada passo, o arvoredo derrubado, e os despojos, parecendo querer attestar incuria, jazem dias e dias no chão, aos pontapés dos transeuntes... e aos commentarios mais ou menos sarcasticos do publico.

O largo dos Santos Martyres, que já teve assomos de alameda, parace que foi devastado por um tufão. Existem lá, esqualidas, umas arvoresitas, que parecem sentinellas perdidas no sitio.

E' uma desolação, aquillo. Não fere desagradavelmente só a esthetica. Impressiona tambem mal quem nos visita.

A grande quadrilha

Vimos a situação desgraçada em que ficou domingo passado Cunha e Costa. Nem republicano nem monarchico, como dizia a *Tribuna do Povo*, de Santos, e como nós dizemos ha tantos annos, nem portuguez nem brazileiro, ou tudo ao mesmo tempo. N'uma palavra, trocatintas; cavalheiro d'industria; pantomineiro.

Exerceu funcções publicas de nomeação do governo brazileiro, e, por isso, perdeu a qualidade de cidadão portuguez, passando a ser cidadão brazileiro. E os republicanos, a qudrilha, a investirem, e de que forma! com o governo franquista por ter nomeado um ministro da fazenda extrangeiro, e com o gabinete actual por o ministro da marinha não ser portuguez... mas brazileiro. E elles nomeiam membro da camara municipal de Lisboa, nomea-lo-hão deputado amanhã, e ministro, se a republica vier, um trocatintas que deixou de ser portuguez por acceitar empregos da Republica do Brazil e que deixou de ser brazileiro por acceitar empregos da monarchia portugueza. Donde se vê que o trocatintas não é senão espelho ou a syntheze dos milhares de trocatintas que constituem o partido... perdão: a grande quadrilha que dá pelo nome de partido republicano portuguez.

Emfim, vimo-lo ladrão, vimo-lo gatuno, vimo-lo bordeleiro, tudo. Tudo? Pois não é tudo. Ainda havemos de vêr mais alguma coisa. Deixa que a grande, a infame quadrilha continue a ostenta-lo como... fanal de verdade e poço de virtudes. Depois ... veremos o resto.

Entrementes, siga a carta que sobre o heroe e sua heroica vida esta semana recebemos, informando desde já o correspondente que os signatarios da carta de domingo eram dois, como declarámos, e não um, residentes, não em S. Paulo, mas em Santos. A carta veio de Santos.

Permitta-me V. agora, (o auctor da carta vinha falando do sr. Dantas Baracho, o que fica para d'aqui a um mez) que me volte para outro assumpto.

Vou, mais uma vez, referir-me ao immoralão vereador da camara de Lisboa, ao corrido do Porto, ao indecentissimo ex-vice-consul de Santos, ao escrevinhador do *Immundo*, ao prostituto de toda a parte;—a Cunha e Costa.

Li, com a attenção de sempre, o ultimo numero do *Povo de Aveiro*. Não me passaram despercepidas as cartas que V. ácerca de tal republicano, publicou do Brazil.

Recordo-me, agora, perfeitissimamente, d'esse roubo do theatro. Recordo-me, sim. Mas, como nem tudo póde lembrar em determinada occasião, passou-me isso quando tive a honra de lhe mandar alguns informes.

De resto V. comprehende, quando as patifarias são muitas, algumas escapam pela malha.

Mas eu li, e recordo-me bem de tudo isso.

Uma causa, porém, me chamou especialmente a attencão.

E' a referencia de que "nunca correu curso o boato de que Cunha e Costa tivesse *casado no Brazil!!*„

Não sei se é de S. Paulo o cavalheiro que a V. escreve.

Parece-me que não é.

Eu estive em S. Paulo alguns mezes e um anno em Santos. Posso dar provas d'isso.

Varias circumstancias da minha vida permittiram que conhecesse bem de perto—oh! bem de perto!—a roda jornalistica.

Não sei se é vivo Heitor Peixoto, director do *Diario de Santos*. Se fôr, elle testemunhará, se preciso fôr.

Conheci, pois—muito bem!—a roda jornalistica paulista. Especialmente a composta de portuguezes.

Ah! Como eu, se quizesse, poderia contar vergonhas!...

E como o velho portuguez Silva Lisboa, do *Diario Popular*, da mesma cidade, tem córado por causa d'isso!...

Tive muitas occasiões de pagar tabaco a algumas d'essas creaturas...

Pois o jornalista Cunha e Costa, então encarregado da secção cambial do jornal *(Correio Paulistano)* que diariamente podia ser encontrado no edificio da Bolsa, era bem conhecido!

Era raro não ouvir-se. "Lá vem o gallegão! Escapate! Foge do *fresco*.„

Mais: "Olha lá: elle casou, sabes?!„ "Assim ouvi dizer„.

Affirmo a V. que isto se dizia. Correu. Tomou vulto sério!

De resto, sr. redactor, eu nunca affirmei que o refinado malandrete tivesse casado lá. O que eu disse, como V. bem sabe, é que "Cunha e Costa em S. Paulo, passava por ter casado lá„.

E isto é uma verdade incontestavel.

O cavalheiro que a V. escreveu póde não ter conhecimento d'isso.

Eu, porém, sustento, com verdadeira insistencia, a minha affirmativa:— Quando o miseravel, que dá pelo nome de Cunha e Costa, esteve em S. Paulo, (Brazil), era boato corrente e insistente de que elle lá tinha casado.

Desculpe-me V., mas sou obrigado a collocar as coisas n'este pé, visto que fui contradictado.

Se, por ahi, apparecer quem negue a veracidade do curso d'este boato eu estou prompto a,sem sahir fronteiras, apontar o nome d'uma boa duzia de pessoas que o testemunharão.

E agora, sr. director, em paz e á boa consciencia:—quem haverá que não considere o pifio bacharel capaz d'esta e muitas bandalheiras?!...

Conhecida como é, a facilidade como se faz um casamento no Brazil, quem não o achará sufficientemente á altura de semelhante prática?!...

—

Um amigo faculta-nos esta carta, que lhe dirige outro amigo. Moralisemos, eduquemos. E publicar estas coisas e fulmina-las é o melhor acto d'educação, de moralisação.

Meu caro amigo:

Recommeadas-te-me a leitura do *Povo de Aveiro* e li-o com satisfacção.

Realmente tornava-se necessario esse *desinfectante* para destruir esse *pus republiqueiro* que germina por esse paiz fóra.

Homem Christo não diz tudo. Ha muito que dizer! Muito, que lhe leva alguns annos a deitar cá para fóra.

Elle quer a verdade de como a *quadrilha* procede .... Ahi vae uma:

Se bem me recordo, na penultima tourada nocturna —parece-me—que se realisou no Campo Pequeno, e a que assisti, finda ella, metti-me no tramway em direcção a penates. A certa altura alguem chamou-me para um compartimento onde viajavam varios conspicuos republicanos. Fui, e n'essa occasião entra o revisor.

Não tinha como os viajantes d'esse compartimento o preciso bilhete, pelo que o revisor puchou do caderno e entregou a cada um de nós um papel representativo da importancia do bilhete.

Fui dos ultimos—senão o ultimo a receber o papel, e quando procedia ao pagamento respectivo, notei que dois passageiros do compartimento, *passavam o pé*, indo para outros.

O revisor tendo feito parte da cobrança, notou que faltava um passageiro para pagar—um dos taes que passou o pé.—Barafustou, descompoz, poz emfim a nu a sua situação de empregado com parco vencimento, não podendo por isso estar pagando bilhetes a passageiros, etc. Uma lamuria que me commoveu a ponto de querer pagar novamente a minha passagem.

Não o quiz o revisor, porque me disse—isto não é com o sr.—Quer dizer—*já os conhecia!*

Um dos companheiros do illustre viajante de borla—não sei se por eu estar presente, pois era o unico monarchico — attendendo á reclamação do revisor pagou o bilhete do pretendente á borla á custa do revisor.

E' de justiça dizer que houve nos correligionarios quem verberasse o procedimento de tão illustre republicano que mereceu do actual ministro da justiça sr. Medeiros uma portaria ou decreto, ácerca do juramento como jurado n'uma comarca do sul.

Estás lembrado?

Parece-me que o caso tambem é do teu conhecimento.

O que posso affirmar-te é que é absolutamente verdadeiro.

Concluindo meu caro, tenho cá encasquetado na cachimonia que a egualdade para estes republicanos, é só para elles, a fraternidade ... são as bombas e mais objectos de destruição de sociedade composta...pelos outros, e a liberdade só reside no que elles dizem e escrevem *oh crês ou morres!*

Aqui tens tu o que eu penso, e aqui tens tu o que a grande familia do Bernardino, onde não vislumbro senão malandros, salvo honrosas excepções.

Teu affeiçoado
A.

Torre de S. Julião

18 d'outubro.

Aqui estou. E todos os dias digo e direi a mim proprio: os quadrilheiros hão de me pagar mais estes trinta dias de prisão. Oh, se m'os hão de pagar!...

Eu, n'essas coisas, sou agiota. Nunca levo menos de cincoenta por cento ao anno. Quem me pagar só com cincoenta por cento tem... a sorte grande.

Oh, os quadrilheiros, os quadrilheiros! E andam a chorar por Ferrer, os bandidos! E andam a accusar a tyrannia, o fanatismo religioso! E andam a protestar contra as violencias, os atropelos da justiça no julgamento de Ferrer! Os bandidos!

Eu não conheço bem Ferrer. Nunca me dei ao estudo d'essa individualidade. E não posso fazer obra pelo que diz a *Lucta* e o orgão da Margarida das Flôres. Mas que houve má vontade contra elle, não ha duvida nenhuma. Justificada? Injustificada? Não sei.

Ferrer era anarchista. Ser anarchista é a peor das recommendações. Não porque o anarchismo, em si, seja odioso. Mas porque os anarchistas geralmente são uns malandros. O anarchismo póde sêr uma utopia e é. A besta humana nunca chegará ao estado de perfeição moral que reclama o anarchismo. Ou só lá chegará... no dia do Juizo. Mas como utopia é excellente. Não inspira odios. Não causa repulsões. Oxalá que elle podesse ser uma realidade!

Em volta do anarchismo, porem, junta-se em todo o mundo a verdadeira escoria humana e é isso que o compromette. Não ha malandro que não seja anarchista. Não ha criminoso, não ha vicioso, que não tente pôr o vicio e o crime sob a égide do anarchismo. De dez anarchistas, um é homem honesto, nove são desaforadissimos malandros. Tudo quanto é ruim, tudo quanto nasceu com maus instinctos, o ladrão, o assassino, a prostituta, o simples mandrião, que quer viver sem trabalhar, arvora o pavilhão do anarchismo.

Ora Ferrer tinha, como todo o anarchista sério e honesto, de aguentar com as tremendas responsabilidades d'essa camaradagem desgraçada.

O que se passou em Barcelona, nos dias da revolução, foi um terror. Ferrer foi um dos auctores d'esses horrores? Se foi, está justificado o seu fuzilamento. N'esse caso só ha que discutir a pena de morte, discussão meramente theorica, ou, para melhor dizer, meramente platonica. Pode a pena de morte ser má. Pode ser odiosa. Pode ser excessiva applicada aos crimes politicos. Mas desde que ella existe na legislação hespanhola, e desde que foi applicada aos humildes, aos desconhecidos, aos anonymos que tomaram parte na revolução de Barcelona, seria uma iniquidade revoltante deixar de a applicar a Ferrer, por Ferrer ser um nome conhecido e levantar a seu favor uma corrente na Europa, se Ferrer foi um dos criminosos de Barcelona. N'esse caso, o tribunal que julgou Ferrer foi coherente e digno, e coherente e digno foi o governo hespanhol rejeitando o indulto. Deram provas d'um espirito de coragem e d'equidade que é muito para louvar e de modo algum para censurar.

Mas Ferrer, anarchista doutrinario e não d'acção, como se diz, não foi auctor dos crimes de Barcelona, como tambem se pretende? Então, na pessoa d'elle commetteu-se um crime, um grande crime, que merece a reprovação geral da consciencia humana.

Eu supponho que sim. Eu creio que Ferrer era mais um homem de doutrina que um homem d'acção. Ou que, pelo menos, se tinha encerrado no campo doutrinario n'estes ultimos annos da sua vida. Creio. Ao certo, ou com alguma segurança nada posso affirmar, porque, repito, nem conheço bem a figura de Ferrer, nem posso saber o que ha de positivo no fundo de toda aquella questão de Barcelona. Mas a minha impressão é essa. O homem concorreu para aquillo, porque concorre sempre para actos taes todo e qualquer anarchista, por mais doutrinario que elle seja. E Ferrer, embora doutrinario, se o era, vivia, alem de tudo, em Barcelona. Elle concorreu para aquillo. Mas tomou parte directa e activa na revolta? Dirigiu-a? Commandou-a? Quer-me parecer que não, e que foi mais victima da velha má vontade que havia contra elle do que propriamente dos seus actos como participante nos motins sangrentos da capital da Catalunha.

Foi victima do fanatismo, do espirito de reacção *à outrance*.

Esse fanatismo, todavia, é privativo das classes conservadoras, como inculcam os bandidos que em Portugal se dizem republicanos? Não. E é, como sempre, essa torpissima especulação que me revolta e que deve revoltar, e revoltará certamente, todos os homens de consciencia honesta.

Em primeiro logar, não é só a reacção catholica de Hespanha que tem a responsabilidade da morte de Ferrer, se Ferrer morreu innocente. E' a reacção catholica, é a reacção militarista, é a reacção capitalista, é a reacção burgueza, é a reacção de todas as classes abrangidas pela designação generica de *conservadoras*. Em segundo logar, a reacção anarchista e a reacção republicana, o fanatismo anarchista e o fanatismo republicano são capazes dos mesmos ou ainda de maiores crimes.

Esta é a verdade e nós permaneceremos inabalavelmente no caminho da verdade.

O que todos deveriamos fazer, e o que precisamente ninguem faz, era combater essa hereditariedade d'intolerancia, de fanatismo, que tanto domina ainda Portugal e a Hespanha. Emquanto subsistir vivo e excitado o espirito do fanatismo, e por conseguinte d'intolerancia, subsiste o crime politico, a infamia politica, ou commettida pelos reaccionarios ou commetida pelos anarchistas e pelos republicanos. Ainda mais ferozes do que os reaccionarios os anarchistas e os republicanos.

O perigo já não está na reacção catholica. Por mais que os republicanos portuguezes tentem essa exploração.

Como tantas vezes temos dicto e como tantas vezes temos provado, não ha nos republicanos portuguezes nenhuma sinceridade. Não lhes assiste nenhum espirito de verdade. Tudo n'elles é faccioso ou falso. Como o clero é quem lhes offerece maior resistencia, é contra o clero portuguez que dirigem a sua mais activa e violenta propaganda. Ora a reacção catholica poderia ser um perigo entre nós, e foi, nos periodos mais agudos do predominio do poder pessoal, embora o rei D. Carlos não fosse *beato*. Mas hoje o grande perigo está na reacção demagogica, que os republicanos representam, e não na reacção catholica.

Como, de resto, em toda a parte. Todos nós temos sido arrastados pela influencia romantica da guerra ao padre. E não ha duvida que essa guerra foi necessaria, nos periodos revolucionarios em que o clero constituia a força dominante, e abusava d'ella, como, de facto, abusam da sua força, em todos os tempos.... as *forças dominantes*. Mas hoje a reacção catholica está mais ou menos vencida em toda a Europa. Ou, antes, está reduzida ás suas legitimas proporções. Tirando a Hespanha, nem em Portugal, nem em

parte nenhuma, a reacção catholica, que foi, aliás, um grande perigo, constitue hoje um perigo serio. Agora pretende-se simplesmente fazer contra a Egreja o que a Egreja fez contra os seus adversarios quando ella dominava. A Egreja abusava e a demagogia agora quer abusar. A Egreja foi intolerante e fanatica. E a demagogia agora é intolerante e fanatica. A Egreja exterminou. E a demagogia agora quer exterminar. Isto é, nós não conquistámos a liberdade. Enganam-se os que o suppõem. Passámos d'um absolutismo para outro absolutismo, d'uma tyrannia para outra tyrannia. Nós não restabelecemos o equililibrio. Estabelecemos a favor da demagogia o desequilibrio que existia a favor da reacção religiosa. Nós não avançámos nada no terreno democratico. Nós não ganhamos nada no progresso politico e no progresso social. Estamos tyrannicos, fanaticos, intolerantes, como eramos. Mudou a etiqueta, nada mais.

N'estas condições, a Egreja passou a exercer em Portugal o papel que o são liberalismo exerceu em outros tempos. E' uma força de reacção salutar. E' uma garantia d'ordem. E porque é uma garantia d'ordem, o republicanismo a combate.

O republicanismo não combate philosophicamente a Egreja. Nunca a combateu d'essa forma em Portugal. E a prova ahi está na propaganda dos jornaes, na propaganda dos livros escriptos pelos republicanos e nas acções diarias dos nossos *democratas*. Discussão scientifica ou philosophica, não ha. Pelo contrario, os republicanos fogem d'isso, fugiram sempre, com extremo cuidado. Elles entendem que deve subsistir o espirito religioso. Elles são fervorosos adeptos do espirito religioso. Vão á Egreja buscar os sacramentos, todos elles, com rarissimas excepções, e sem excepção nenhuma, então ahi sem exepção nenhuma, mostram nas suas festas politicas, nos seus cultos politicos, na sua liturgia politica quanto estão possuidos, e profundamente possuidos do espirito religioso. Não são philosophos. São energumenos. Querem religião, para elles e para o povo, e religião indiscutivel. Ou crê ou morres. A formula eterna das religiões. Simplesmente não querem padres. E não ainda por odio, ou a menor má vontade, ao ministro da religião. Mas porque o padre, politicamente, é contra elles. E de essa forma impozeram o padre, a todos quantos amam este paiz e detestam o fanatismo politico, como um elemento de correcção, uma garantia d'ordem, um factor de progresso social, n'este momento historico. Parece impossivel, mas é verdade. Toda a obra do partido republicano portuguez tem sido uma obra de paradoxos.

O padre é um dos que mais resistem em Portugal á tremenda oligarchia demagogica? E' um dos mais energicos adversarios da grande quadrilha? Pois é um benemerito. Pois é um patriota. Eis o facto!

Os bandidos, a clamarem contra a falta de legalidade, a supposta falta de legalidade, que se observou no processo de Ferrrer! Eu fui julgado em conselho superior de disciplina do exercito á porta fechada, sem publico, sem defensor, sem testemunhas, sem nenhuma, absolutamente nenhuma garantia de defesa. Nem sequer, salvo o Bombardino Rachado, que foi chamado *para me entalar*, e que fez dois depoimentos, um verbal, no qual disse todas as infamias sem ficarem provas, uma monstruosidade juridica e expressamente prohibida pelos regulamentos militares, e outro escripto, no qual só fez insinuações e disse banalidades, nem sequer, á parte esse malandro, foram ouvidas as testemunhas que eu indiquei, algumas das quaes esclareciam *completamente* os factos. Nem ouvi ler a sentença! Nem sei, ainda hoje, os termos da sentença que me condemnou! E nenhum d'esses malandros, que fazem agora um alarido enorme pela falta d'escrupulo com que Ferrer foi julgado, teve uma palavra de protesto contra essa monstruosidade! Nenhum!

Os malandros, que enchem a bocca com justiça, com legalidade, com *libardade!*

Subsiste um tribunal d'esses em Portugal. Não condemna á morte? E' a mesma coisa. Os principios são os mesmos, ou as penas sejam grandes ou pequenas, ou exista ou não exista a pena de morte. Se não condemna á morte pelo fuzilamento ou pela forca póde condemnar á morte pela fome, e, em todo o caso, condemna a penas infamantes, sob o ponto de vista da moral militar.

Ferrer foi julgado em audiencia publica. Teve testemunhas, poucas ou muitas, boas ou más. Teve um defensor, que falou com tanta eloquencia que a sua voz se ouviu em todo o mundo. Quem é o defensor dos réos julgados no tribunal inquisitorial que se chama em Portugal conselho superior de disciplina do exercito? Quem são as suas testemunhas, que o tribunal ouve, *se quer*, que não ouve, *se não quer?* Qual é o publico que assiste, que tem assistido a esses julgamentos?

O réo nem ouve ler a sentença, nem conhece a sentença que o condemna. E os advogados portuguezes só se lembram da sua *nobre missão de defensores* quando... ha falta d'escrupulos ou inobservancia de prescripções legaes nos julgamentos realisados na Catalunha, na Cochinchina ou no Paraguay.

Paiz de *poseurs!* Paiz de macacos!

Odio aos assassinos! Morra o presidente do conselho de guerra de Barcelona! Morra o accusador d'esse tribunal! Morra o Maura! Mas os assassinos do rei e do principe real em Portugal foram glorificados! Até pelo santo Rachado, que clamou n'um impeto de nobre eloquencia: *á la guerre comme à la guerre.*

Então... *à la guerre comme à la guerre.* De que se queixam, no fuzilamento de Ferrer? Foi morto sem *prescripções legaes?* E quaes foram as *prescripções legaes* que assistiram á morte do rei de Portugal?

Á la guerre comme à la guerre. Ou só é boa a guerra quando são mortos os nossos adversarios? Ou só ha justiça quando são assassinados, ou fuzilados, ou enforcados os contrarios?

Respeito pela vida humana! Os *democratas* deitam os bofes pela bocca fóra a reclamar *respeito pela vida humana.* Mas a multidão ignara e selvagem ha dois annos que é açulada, n'esta terra, contra o dictador que commetteu a *suprema crueldade* de não metralhar a turbamulta demagogica, na noite de 28 de janeiro, e de não mandar dois ou tres navios carregados de bandidos para Timor!

Respeito pela vida humana, mas sómente quando se trata dos quadrilheiros da mesma quadrilha, não é verdade?

Bandalhos! Eternos bandalhos!

Em guarda pela innocencia! A innocencia é sagrada! Maldicto aquelle que attentar contra a innocencia humana! Mas quem escreve estas linhas estava innocente, e bem innocente, quando foi da revolta do 31 de janeiro! E, comtudo, os que berram agora a favor da *innocencia* empregaram todos os esforços para o fazer marchar para a Africa ou para o aferrolhar na Penitenciaria.

Malandros! Repugnantes malandros!

Tudo isto é uma mentira. Uma hypocrisia. Uma falsidade pegada. Tanto valem os inquisidores da Egreja como valem estes inquisidores da *libardade.*

E' a infamia humana de bocca aberta a assustar os timidos e a enganar os papalvos. E' o ladrão correndo a gritar: *agarra, agarra*, para que os simples não vejam que o verdadeiro ladrão ... é elle.

Nada mais.

H. C.

VÁRIA

Anti-militarismo no Japão

Tambem no Japão começa a apparecer o anti-militarismo. Era fatal. O extraordinario desenvolvimento do exercito de terra e mar alargou as fronteiras do imperio e deu-lhe cathegoria de potencia de primeira ordem. Mas, em compensação, causou graves perturbações economicas. O orçamento do exercito e da armada absorveu a maior parte das receitas, de forma que foi preciso augmentar todos os impostos e crear novos monopolios. Ainda assim o dinheiro vae faltando para as obras civilisadoras e sociaes verdadeiramente urgentes. D'aqui o movimento creado contra os exaggeros do militarismo e que já levou o governo a reduzir as despesas militares e a pôr de banda um certo numero de medidas projectadas. Parece que o exercito e as classes conservadoras não veem com bons olhos esse caminho. Mas as massas operarias e os elementos intellectuaes apoiam essa tendencia.

—†—

A replantação das florestas

Como já fizemos notar ha mezes no *Povo de Aveiro*, publicando um artigo sobre o assumpto, em França trata-se activamente de fazer uma obra que, desgraçadamente, ainda não começou em Portugal: repovoar de arvoredo as mattas e florestas destruidas e ainda as charnecas até aqui abandonadas.

A esse trabalho d'extremo alcance se teem dedicado homens de todas as classes e cathegorias, porque é de ver que ahi, como em tudo, tem a iniciativa particular precedido a acção do estado. Só em Portugal a iniciativa particular se não manifesta chegando mesmo, como na questão da instrucção, a ser proclamada inutil pelos *democratas* intellectuaes. Em Portugal, ou o Estado faz tudo *ou não se faz nada.*

Em França, e em nenhum outro paiz civilisado, não succede o mesmo, apesar da França não ser dos mais progressivos n'esse sentido. Assim, em 18 de janeiro de 1861, fundou-se a *Sociedade dos Amigos das arvores e replantação dos Alpes Maritimos,* destinada a fornecer de graça sementes e plantas, distribuindo logo nos tres primeiros annos 500 kilogrammas de sementes e 300:000 arvores de folha permanente, resinosas.

Imitando essa fundou-se em Paris, em 1894, a *Sociedade dos amigos das arvores*, que adquiriu um grande desenvolvimento, criando filiaes na Lorena, Saboia, Borgonha, Auvergne, etc.

Anteriormente, em 1890, tinha-se tambem fundado a *Sociedade Florestal de Franche-Conté e de Belfort* e que tem hoje mais de 1:300 socios. Essa, alem de distribuir sementes e plantas pelos particulares, publica livros, agendas, *aides mémoires du forestier,* e recompensa os cidadãos que se distinguem na obra benemerita da replantação e plantação dos terrenos florestaes francezes.

Alem d'estas sociedades de caracter geral ha immensas de caracter local. Tolosa, Grenoble, Marselha, Limoges, etc, teem, cada uma, a sua *Sociedade dos amigos das arvores.*

Outras sociedades de caracter affim trabalham no mesmo sentido. Tal é a *Sociedade protectora das paysagens de França,* a *Sociedade d'estudos do Loire e do Sudoeste navegaveis,* que nas suas memorias recorda o axioma *si vous voulez de l'eau, faites des bois,* e o *Touring-Club de France* que tem desempenhado uma acção consideravel.

Este é o movimento da França. Mas movimentos analogos se realisam n'outros paizes. Assim nos Estados Unidos a associação *Arbor day* conta milhões de socios. O prisidente Roosevelt, na sua mensagem, promettia o seu opoio á obra da replantação. O presidente Taft, no seu discurso d'installação, fazia egual promessa. A Italia, a Suissa, a Belgica, a Allemanha, a Austria, a Hungria, consagram milhões á obra das plantações. A Inglaterra projecta a replantação annual de 30:9000 hectares. O que faz com que o escriptor donde tiramos estes dados conclua:

L'histoire de la lutte contre le déboisement en ces dernières années vient s'ajouter aux milles indices qui nous indiquent que la vie des nations les plus évoluées entre das une nouvelle phase: la collaboration libre, volontaire et féconde des associations privées avec les administrations de l'Etat.

Mas não cá em Portugal e pelo que diz respeito a Portugal, meu senhor!

E só vendo o que se passa lá fóra, n'esta e n'outras questões, é que nós podemos avaliar bem o grau d'atrazo em que nos encontramos.

—†—

Bella idéa

Ainda a proposito de plantações florestaes.

Projecta-se na Inglaterra, para occupar os *sem trabalho*, plantar arvoredo em enormes extensões territoriaes. Um inquerito a valer demonstrou que o solo e o clima do *Reino-Unido* admittem a plantação das melhores especies de madeiras de construcção e de trabalho, e que a plantação d'essas madeiras segundo methodos scientificos seria um bom emprego de capital. Ha pouco mais ou menos 3.642:105 hectares de terrenos succeptiveis de serem arborisados, e uma floresta d'esta extensão forneceria um rendimento annual pouco mais ou menos egual á quantidade de madeira de construcção actualmente importada do extrangeiro. Como ha em todos os tempos e principalmente no inverno milhares d'operarios inglezes sem trabalho, não faltaria mão d'obra para as plantações e isso tanto mais quanto esses trabalhos não exigem conhecimentos especiaes. Facilmente se encontram operarios desempregados em numero sufficiente para fazerem os trabalhos florestaes mais delicados.

Exigindo os trabalhos florestaes o maximo numero d'operarios, poderiam ser suspensos quando a situação industrial melhorasse, para recomeçarem logo que os pedidos de mão d'obra diminuissem, de modo a impedir as grandes faltas de trabaiho.

A plantação e a exploração das florestas abrirão novo campo ao trabalho e tão vasto que não haverá que recear conflictos entre o Estado e os empreiteiros particulares. Uma commissão especial será encarregada d'elaborar um plano de plantação e pensa-se que emittirá o parecer de que, no caso dos proprietarios dos terrenos susceptiveis de serem plantados não os quererem vender, sejam por utilidade publica expropriados.

Diminuição dos nascimentos na Allemanha

A estatistica recentemennte publicado sobre os nascimentos e as mortes na Prussia, durante o anno de 1907, mostra, como nos annos anteriores, que continua o augmento da população. O excedente dos nascimentos sobre as mortes tem sido, com effeito, de 578:687, isto é, quasi tanto como em 1906. Se admittirmos que a população da Prussia está para a da Allemanha como 3 para 2, teremos para todo o imperio um augmento de população de 900:000 almas durante o anno de 1907.

Mas, examinando os algarismos de mais perto, vê-se que só se conseguiu esse resultado satisfactorio por uma diminuição de mortalidade, n'outros termos, pela situação sanitaria, cada vez mais excellente, do imperio. Com effeito, só foi de 18 para 1000 a proporção da mortalidade na Prussia. Nunca tinha sido tão pequena: a mortalidade infantil em particular, decresce cada vez mais.

Vê-se que na Prussia, como, aliás, em toda a Allemanha, diminue successivamente a natalidade. Em 1907 houve na Prussia menos 10:621 nascimentos que em 1906. A proporção por 1000 habitantes, que era de 35,04 em 1904, foi de 34 em 1906 e de 33,23 em 1907. A importancia d'estes algarismos melhor se nota reflectindo que algumas provincias atrazadas do Este, onde não ha grandes cidades nem industrias desenvolvidas, teem ainda uma grande natalidade. Nas partes mais civilisadas e mais ricas do imperio a natalidade é infinitamente mais fraca. Em Berlim não passa de 24,52 por mil habitantes. N'estas regiões os nascimentos teem diminuido d'uma maneira continua, e á medida que as outras provincias seguirem o exemplo do centro accentuar-se-ha essa diminuição. Assim irá declinando o augmento da população até esta se tornar estacionaria.

†

Uma escola operaria em Berlim

O comité do partido socialista em Berlim mantem ha muitos annos uma escola d'aperfeiçoamento (Fortbildungsschule) para operarios, na qual se ensinam os ramos os mais diversos das siciencias sociaes e politicas. Os cursos são destinados aos mancebos que se querem consagrar á agitação politica ou á organisação syndical; estes ultimos ahi bebem as noções que lhes são destinadas para poderem estudar scientificamente os problemas politicos e para apreciar com conhecimento de causa as questões economicas, noções que utilisaram em seguida na sua acção syndical. Emfim, o estudo de certos ramos da sciencia geral, por exemplo o estudo da historia da litteratura, ou o das sciencias naturaes, vem completar a cultura puramente humana dos alumnos.

A escola tem annexa uma biblioteca muito frequentada. Alem d'isso ha festas artisticas destinadas a elevar o nivel intellectual dos auditores.

—†—

Uma Universidade popular municipal

As Universidades populares russas foram enriquecidas no ultimo outomno por uma obra notavel: a Universidade popular municipal Schaniawsky. Este novo foco de cultura, fundado em Moscou, não foi, como o seu nome poderia fazer suppor, creado á custa da cidade; não é devido á iniciativa da municipalidade, mas á generosidade d'um homem de grande coração e de grande espirito, o general Alfons Schaniawsky, fallecido ha pouco tempo. Convencido de que a maior necessidade do povo russo era a necessidade de cultura, Schaniawsky dirigiu em setembro de 1905 á municipalidade de Moscou uma carta pedindo-lhe que acceitasse, em doação, uma casa que possuia em Moscou e uma renda annual de 12:000 rublos, servindo esta para crear e entreter uma universidade popular administrada pela municipalidade. Outros doadores seguiram em breve este exemplo; a cidade, por seu lado prometteu o terreno destinado ás edificações e assim se vae constituindo a nova instituição d'ensino laico, que já funcciona provisoriamente, á noite, nas melhores salas de Moscou.

Em Moscou existia já uma Universidade popular. Mas esta destinava-se e distina-se a um publico mais inculto. Ministra apenas instrucção elementar, pois que não se exige aos matriculados senão que saibam ler e escrever. A Universidade Schaniawsky tem um caracter mais academico exigindo-se aos que a frequentam os conhecimentos d'instrucção secundaria. São admittidos á matricula pessoas de todos os sexos, de todas as condições e de todas as nacionalidades.

—†—

Museus

Um dos elementos mais importantes d'educação publica são, como se sabe, os museus. Discute-se agora em varios paizes extrangeiros se a entrada nos museus deve ser paga ou gratuita.

Hoje tornou-se paga em quasi todos os paizes do mundo. Em Paris, porem, é gratuita ainda a entrada no Louvre.

A entrada paga tem uma vantagem: produz o rendimento necessario para a sustentação dos museus, ficando, assim, o povo liberto d'esse encargo. Mas, por outro lado, tem um grande inconveniente: difficultar a visita das classes pobres, o que prejudica extraordinariamente a educação artistica do povo.

—†—

Monsieur... Ramloc

Um *mossiê* Ramloc diz de Lisboa para a revista internacional *Les Documents du Progrès*:

"Certes, le Portugal est rongé par de nombreux maux; mais le pire est certainement l'analphabétisme.

Plusieurs particuliers — et aussi quelques sociétés — cherchent à remédier à ce mal; mais c'est le gouvernement qui devrait se mettre à la tête du mouvement.

A quoi sert-il que, par ci par là, un bienfaiteur donne une maison destinée à une école communale ou une certaine somme d'argent?„

Serve de muito, seu Ramboc, serve de muito. Vá de tolices!

Não ha duvida que se torna precisa a acção do governo. Mas ao lado d'ella, e como que coagindo-a, torna-se indispensavel a acção da iniciativa particular.

O Povo de Aveiro

Vende-se

AVEIRO—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.
LISBOA—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça o Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124.
PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Tabacaria Vareirense, rua do Bomjardim, 64 A; Tabacaria Alberto Ferreira, rua Alexandre Herculano, 256.
MATTOSINHOS—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100
COIMBRA—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27
ALCOBAÇA—Antonio Vazão.
GOUVEIA—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp
CABEÇÃO—Luiz Vieira da Silva.
PORTALEGRE—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.
VENDAS NOVAS—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino.*
SETUBAL—Manuel Tavares.
ARRONCHES—Miguel Maria.
ESPINHO—Kiosque Reis.
MOITA DO RIBATEJO—João Baptista Moura.
VIZEU—Agostinho da Costa Campos, Rua do Arco 85
CHAVES—Annibal de Barros.
VILLA REAL—Agengia de Publicações de Antonio de Neute C. da Mesquita.
MANGUALDE—Bento d'Almeida Campos.
MONTE ESTORIL—Gare.
S. PEDRO DO SUL—José Augusto d'Almeida.
FÁRO—Francisco Matheus Fernandes·
EVORA—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.
CASCAES—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.
VILLA NOVA DE BARONEA—José Custodio Figueiredo.
CORTEGANA, Alemquer—João dos Santos Pereira.
REGUENGOS DE MONSARÁS—R Antonio João da Cunha.
PADERME—ALGARVE—Antonio Anacleto d'Oliveira,
TORRES NOVAS—João Rodrigues Sentieiro.
AMARELEJA—MOURA—Manuel Frade.
CASTELLO BRANCO—Padre Rafael Jacintho.
MONTEMÓR O NOVO—Fortunato Reinato.
TONDELLA—Mario do Carmo.

BRAZIL

RIO DE JANEIRO—Centro de Publicações de Geonlorenzo; Celltins, Travessa do Ouvidor.
MANAUS—Agencia Freitas.
BELEM DO PARÁ—Centro de Publicações.

Lisboa nas Provincias

Com a facilidade de transportes que hoje ha e a promptidão e zelo com que a casa

J. LINO

satisfaz os pedidos que lhe fazem ninguem se deve preoccupar com a necessidade de ir a Lisboa para obter o que precisa, quer seja em todos os **MATERIAES DE CONSTRUCÇÃO** que **J. Lino** fornece ha 45 annos nas melhores condicções de preços e qualidades, quer seja em qualquer artigo para recheio d'uma casa, porque a

MÉNAGÈRE EM LISBOA

fornece tudo quanto seja preciso, como mobilias economicas, brazeiros de ferro portateis, fogões de sala e de cosinha, baterias de cobre, de nikel, de aluminium, de ferro esmaltado e porcelana de ir ao fogo;—todos os utensilios e machinas de cosinhar, de lavar, de engomar e de limpêza; lavatorios, banheiras, esquentadores para gaz ou petroleo, ourinoes e retretes inodoras, etc., etc., etc.

Todos estes artigos são de primeira qualidade e de toda a confiança para os compradores—não ha risco de se receber um artigo ordinario; não comparar só preços porque de nada serve um objecto que se faz de proposito para reclame e que afinal é um mono inutil.

Dirigir pedidos e informações ao escriptorio geral de **J. Lino,** rua Caes do Tojo, 25. Telephone n.º 98.—Telegrapho: **JOTALINO.**—LISBOA.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.
Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.

SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
— DE —
Albino Pinto de Miranda
LARGO DE MANUEL MARIA
AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS. A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

Typographia a vapor
— DE —
O POVO DE AVEIRO

TRABALHOS COMMERCIAES

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.º*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento

HOTEL CYSNE
Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria)
AVEIRO

Proprietario-Gerente
ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne—AVEIRO